



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

JOÃO PAULO OLIVEIRA VIEIRA
A Verdade: demanda da Razão e horizonte da Fé.
Aproximação ao pensamento de Joseph Ratzinger\Bento XVI.

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor José Pedro Lopes Angélico

Porto
2016

Resumo:

Numa época em que o relativismo continua presente no pensar e agir do homem, a procura da Verdade, como horizonte da fé, através da Razão, ocupa no percurso de Ratzinger/Bento XVI um lugar primordial. Ao recusarmos um cientificismo, por si só estéril, e ao darmos espaço a uma razoabilidade fecunda, abrimos caminho para compreender o Mistério d'Aquele que, tendo Encarnado na história, é a Verdade.

Abstract:

At a time when relativism is still present in the thinking and acting of man, the search for Truth, as the horizon of faith, through Reason, has a prime place in the path of Ratzinger / Benedict XVI. By refusing sterile scientism alone, and by making room for a fruitful reasonableness, we make way to understand the mystery of the One who, having incarnated in history, is the Truth Himself.

Introdução

A história da Igreja do século XX e XXI ficará marcada por uma imensa renovação eclesial transportada da renovação teológica que acompanhou o II Concílio do Vaticano e de grandes nomes que a realizaram e impulsionaram. Falar de teologia na transição do segundo milénio sem falar de Joseph Ratzinger/ Bento XVI é uma lacuna que certamente poucos terão a ousadia de cometer.

Neste trabalho que intitulamos de *A Verdade: demanda da Razão e horizonte da Fé. Aproximação ao pensamento de Joseph Ratzinger/Bento XVI*, pretendemos, tal como o título indica, fazer um percurso sobre os conceitos Verdade e Razão a partir do pensamento teológico do Papa Emérito Bento XVI. Sabemos como para Ratzinger são importantes estas duas noções e procuraremos explicitar ao longo destas páginas a razão de as ter tão presentes.

Admitimos que pode parecer ousado, ou sê-lo-á de facto, dissertar sobre esta matéria diante da grandeza intelectual do autor que nos propomos estudar, acrescentando a isto a sua vasta obra bibliográfica que cruza estas matérias diversas vezes e em diversos contextos. Ainda assim, pensamos que a diversificada, apesar de sumária, bibliografia por nós usada e sugerida, é indicadora do fio condutor do seu pensamento que se estende ao longo de várias décadas. A nós motiva-nos particularmente o ir ao encontro de um nome tão importante da teologia contemporânea como é o de Joseph Ratzinger, na certeza de que ao mergulharmos no pensamento ratzingeriano entramos num mundo fascinante e seguro, onde a teologia não esquece o real, e não trocando o terreno pelo eterno, entrelaça-os de uma forma harmoniosa.

Neste nosso trabalho, dos incontornáveis títulos que lemos, seguimos ou consultamos, nomeamos somente em jeito de introdução alguns que constituem o princípio ou o tronco comum do mesmo. São eles: a conhecida Homilia da Missa *Pro eligendo Romano Pontifice*, de onde extraímos uma das principais preocupações de Ratzinger, a chamada *ditadura do relativismo*, e onde parece já ler-se aquilo que nem o próprio esperava ser um futuro programa

de pontificado; *Fé e Futuro*, onde se coloca a incontornável questão do papel da fé na construção do mundo futuro; *Fé, Verdade e Tolerância*, uma compilação de textos fruto das reacções à conhecidíssima *Dominus Iesus*, os conjuntos de conferências sobre a Europa publicadas posteriormente com o título *A Europa de Bento na crise das culturas*, a grande colectânea de teologia fundamental que desenvolve na *Teoria dos princípios teológicos*, o seu controverso, conhecido e muito lido discurso na Universidade de Regensburg e, claro, a *Introdução ao Cristianismo* obra que seguimos de forma particular por nos parecer aquela que pela sua antiguidade e utilização posterior ao longo da história recente, contém o cerne do pensamento de Ratzinger e na qual estão concentradas muitas das suas respostas às temáticas que nos propomos a abordar. Ao longo da dissertação são encontrados outros títulos que consideramos pertinentes, sobretudo algumas audiências, nomeadamente as do Ano da Fé, ou pontuais intervenções nos meios académicos e/ou eclesiásticos. Os seus discursos e preleções em Viagens Apostólicas, como por exemplo a viagem a Inglaterra ou à República Checa, contém ainda apontamentos importantes que tomámos para a nossa dissertação.

Para desenvolver tudo isto, optámos por, ao longo do trabalho, tomar citações concretas que abordassem de forma clara o que pretendíamos reflectir. Por isso, poder-se-ão ler pequenas passagens das suas obras, ou referências às mesmas de forma a contextualizar o assunto localmente dissertado.

O trabalho está organizado em três capítulos sendo cada um precedido de uma pequena contextualização. No Primeiro Capítulo, o leitor pode encontrar um sumário percurso pela vida de Ratzinger, procurando nós, mais do que descrever factos cronológicos, perceber quais as raízes do seu pensamento e de onde lhe vem esta inquietude pela verdade e pela razão. Num segundo momento do trabalho, abordaremos os dois conceitos já enunciados a partir de escritos exclusivamente do autor. Procuraremos ainda antes de compreendê-lo, sobretudo enunciá-lo. No Último Capítulo é nossa intenção deixar ao leitor um conjunto de

considerações feitas por teólogos que se dedicam a estudar Ratzinger, socorrendo-nos mormente de artigos e comentários destes aos temas por nós estudados.

Do tempos de estudante, aos de teólogo, académico, perito, pároco, bispo, Cardeal e Papa, os escritos de Ratzinger são de leitura apaixonante, e pela sua capacidade de explicar clara e objectivamente os pressupostos sobre os quais compõe e onde pretende chegar fazem dele um teólogo diferente e capaz de chegar a muitos quadrantes da teologia moderna, não só no cerne do pensamento católico mas também das igrejas irmãs onde outros teólogos se debruçam sobre as mesmas preocupações e têm em notória consideração a opinião de Ratzinger.

O Bispo que escolheu para lema episcopal, *Cooperador da verdade*, popularizou-se naturalmente no Papado e surpreendeu o Mundo ao abdicar do seu Ministério como Sucessor de Pedro a 28 de Fevereiro de 2013. Ficará certamente na história como o segundo Papa a renunciar ao Papado, mas Joseph Ratzinger/Bento XVI está muito para além deste acontecimento. Ele teve, sem dúvida, um importante papel na sociedade contemporânea. Mais do que alertar largamente para um enorme problema do homem de hoje, aquilo a que chamou de *ditadura do relativismo*, Ratzinger procurou sempre dialogar com o seu tempo, com a realidade. Ele foi e é um teólogo do aqui e do agora, apontado o Evangelho sempre como medida justa para a convivência e felicidade humanas. Joseph Ratzinger procurou não só dissertar mas sobretudo viver as virtudes da Fé, da Esperança e da Caridade.

Capítulo I

Ratzinger\Bento XVI: o homem, o teólogo e o pastor.

“Ratzinger é sem dúvida um dos teólogos mais conhecidos, e mais discutidos do século XX. Talvez o motivo seja uma decidida defesa dos princípios complementares da verdade e do amor. Por isso Hans Urs von Balthasar o recordava como o «cardeal corajoso, o cardeal valente».¹

Como referimos anteriormente, tencionamos neste primeiro capítulo fazer uma resenha biográfica sobre Joseph Ratzinger. Não abdicando do rigor necessário num trabalho deste género, achamos por bem tomar somente aqueles que são os momentos principais da sua vida e que de algum modo podem ajudar-nos a compreender o seu percurso e o seu pensamento.

Como qualquer outro pensador, Ratzinger tem referências pessoais, nomes de teólogos, filósofos e até físicos ou matemáticos, que lhe imprimiram um estilo e ajudaram a moldar o seu modo de pensar e fazer teologia.

Desde os tempos de infância ao serviço militar, passando brevemente pelos estudos e por professores que o marcaram, ao contacto com homens do pensamento contemporâneo e, claro, os sempre necessários autores da teologia clássica, estas breves páginas apresentam ao leitor o Ratzinger homem e teólogo, complexo mas acessível, erudito mas humilde.

Sumariamente enunciaremos aqueles que, segundo Pablo Blanco Sarto, dedicado professor ao estudo de Ratzinger, são os princípios teológicos e estruturais do método da teologia ratzingeriana. Não poderíamos ainda deixar de nos cruzarmos com o grande acontecimento eclesial do século XX, o II Concílio do Vaticano. Nele também está inscrito o nome de Ratzinger seja pela sua participação propriamente dita nos trabalhos, seja pela sua aplicação e vivência nas décadas que se seguiram.

¹ P. BLANCO SARTO, *Joseph Ratzinger, Benedicto XVI, Un mapa de sus ideas*, Madrid: BAC, 2012, xvii.

1. *Vida*

Eleito Papa a 19 de Abril de 2005 após a morte de João Paulo II, Bento XVI, Joseph Aloisius Ratzinger pelo baptismo, nasceu no ano de 1927 na cidade de Marktl, Baviera, aos dezasseis dias de Abril.

Modesta e tradicionalmente católica, a sua família era encabeçada pelo senhor Joseph Ratzinger, comissário da policia local, que casaria com Maria, de origem austríaca, matrimónio do qual nasceu Maria, Georg e Joseph Ratzinger, respectivamente.² Dado a profissão do pai de família, várias vezes os Ratzinger se viram obrigados a mudar de casa tal como nos relata o nosso autor, na sua auto- biografia,

“Com a mudança para Traunstein, porém, começou também para mim um período difícil. (...) A escola primária de Aschau, nos últimos tempos já pouco tinha para oferecer, agora, ao invés, tinha de estudar novas matérias e de enfrentar novos e mais exigentes desafios, sobretudo tendo em conta que era o mais novo e um dos mais pequenos da classe toda. O latim era ainda a base de toda a aprendizagem escolar e foi-me ensinado com uma severidade e um rigor tal que fiquei grato para o resto da vida: como teólogo nunca tive dificuldade de estudar as fontes antigas em latim e em grego.”³

Viveu a sua infância e adolescência em Traunstein, junto à fronteira com a Áustria, para onde se mudou em 1937. Aí cresceu e recebeu parte da sua formação tendo entrado no Seminário Menor de Traunstein no ano de 1939, onde se encontrava já o seu irmão Georg. Mais tarde, já em 1941, Ratzinger e Georg haveriam de abandonar o seminário que serviria de hospital militar por causa da Guerra.⁴

² BLANCO SARTO, *Benedicto XVI, el Papa alemán*, Barcelona: Planeta, 2010, 9.

³ J. RATZINGER, *A minha vida, Joseph Ratzinger, autobiografia do Papa Bento XVI*, Lisboa: Livros do Brasil, 2005, 22-23.

⁴ Cf. P. BLANCO SARTO, *Benedicto XVI, el Papa alemán*, 9.

“É quase supérfluo recordar que o período passado junto da anti-aérea provocou situações embaraçosas, sobretudo para uma pessoa como eu, tão pouco predisposto para a vida militar.”⁵

Ratzinger recorda-nos este período como um tempo interessante, promotor do espírito de camaradagem, ainda que as suas funções militares à época se restringissem a serviços telefónicos e administrativos. De facto, o cenário de guerra não é algo de que se orgulhe na sua biografia. Na anti-aérea, onde estava destacado, ainda como estudante, terminou os seus serviços em 1944 tendo contudo sido obrigado a prestar o chamado serviço laboral do III *Reich* onde contactou mais claramente com a hierarquia nazi até 1946, neste ano, Ratzinger e o seu irmão voltariam aos estudos eclesiásticos após o cumprimento forçado do serviço militar.

Em 1950 foi proposto ao jovem Ratzinger desenvolver um trabalho inserido num habitual programa de investigação premiado pela universidade na época. Após a escolha do argumento pelo professor responsável, Ratzinger teria ao seu encargo uma enorme tarefa, dissertar no tema: *Povo e Casa de Deus no ensino de Santo Agostinho sobre a Igreja*, estudo com o qual se doutoraria em 1953.⁶

“Não devemos ser supersticiosos, mas no instante em que o velho arcebispo impôs as mãos sobre mim, um pássaro – talvez uma calhandra – levantou voo por cima do altar-mor e entoou um breve canto muito alegre; para mim foi como se uma voz do alto me dissesse: está tudo bem, escolheste a estrada certa.”⁷

Joseph Ratzinger foi ordenado diácono em Outubro de 1950 e sacerdote a 29 de Junho de 1951 na Catedral de Frisinga.

⁵ J. RATZINGER, *A minha vida, Joseph Ratzinger, autobiografia do Papa Bento XVI*, 30.

⁶ Cf. P. BLANCO SARTO, *Benedicto XVI, el Papa alemán*, 9.

⁷ J. RATZINGER, *A minha vida, Joseph Ratzinger, autobiografia do Papa Bento XVI*, 61.

Habilitou-se para a docência teológica em 1957 com a apresentação de uma importante tese intitulada: *A Teologia da história em São Boaventura*.⁸ Em 1958 ficou responsável pela cátedra de Teologia Fundamental da Universidade de Bonn, até rumar à Universidade de Múnster em 1963. A sua ligação à universidade não ficaria por aqui, em 1966 passou a Tübingen e em 1969 leccionaria em Regensburg, onde voltaria em 2006 para proferir aquele que ficou conhecido como o famoso *discurso de Ratisbona* pelas suas preleções acerca da relação da fé e da Razão nomeadamente pelas referências ao mundo islâmico.⁹

O percurso académico de Ratzinger contribuiu enormemente para a renovação teológica do séc. XX, muito influenciada pela *Nouvelle Théologie*, preparando o caminho para o II Concílio do Vaticano. Esta renovada forma de ver e fazer teologia assentava sobretudo numa renovada relação com a Escritura e com os Escritos dos Padres. A nós particularmente interessa-nos a reafirmação patente entre a verdade cristã e a história, contraposta a uma certa visão estática dessa mesma verdade. Para João Duque, o percurso académico de Ratzinger foi um importante contributo para esta mesma renovação chegando mesmo a ser controverso no mundo académico da época.¹⁰ Para além de Ratzinger estes frutíferos anos contaram com o contributo de nomes como os de Henri de Lubac, Teilhard de Chardin, Von Balthasar, Yves Congar, Karl Rahner, Hans Küng, Edward Schillebeeckx ou Jean Daniélou, entre outros.

Ratzinger participou ainda nos trabalhos do Concílio Vaticano II, primeiro como teólogo do cardeal Frings e depois como perito nomeado por Paulo VI. Sobre isto deter-nos-emos posteriormente.

⁸ Indicamos a versão portuguesa mais recente da obra editada por ocasião da Visita Apostólica de Bento XVI a Portugal em 2010 – J. RATZINGER, *A teologia da história de São Boaventura*, trad. de Maria Manuela Brito Martins, Centro de Estudos Franciscanos, Porto: Editorial Franciscana, 2010.

⁹ Cf. P. BLANCO SARTO, *Benedicto XVI, el Papa alemán*, 9.

¹⁰ Cf. J. DUQUE, *Tópicos de um percurso teológico*. In Agência Ecclesia. www.agencia.ecclesia.pt/noticias/dossier/topicos-de-um-percurso-teologico (04\02\2016, 16.20h)

“Convém não esquecer que para a Igreja a fé é um bem comum, uma riqueza de todos, a começar pelos mais pobres, mais indefesos perante os desvios; portanto, para a Igreja, defender a ortodoxia é uma obra social em favor de todos os crentes”¹¹

Foi ordenado bispo em 28 de Maio de 1977 e nomeado bispo de Munich-Frisinga. Um mês depois, a 27 de Junho, Paulo VI torná-lo-ia Cardeal com título presbiteral de *Santa Maria da Consolação no Tiburtino*.¹²

Após a morte de João Paulo I e o Conclave que daria ao Mundo o primeiro Papa Polaco, Ratzinger acabaria por ser chamado por João Paulo II em 1981 para presidir à Pontifícia Comissão Bíblica e sobretudo para a tarefa que o popularizou: Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé.

Durante mais de duas décadas manteve-se à frente da mais respeitada e também temida Congregação da Cúria Romana, esperou inclusive que o Papa polaco lhe permitisse retirar-se ao atingir a idade estipulada canonicamente mas assim não aconteceu. Na cúria Romana foi ainda “Membro do Conselho da Secretaria de Estado para as Relações com os Estados; das Congregações para as Igrejas Orientais, para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, para os Bispos, para a Evangelização dos Povos, para a Educação Católica, para o Clero, e para as Causas dos Santos; dos Conselhos Pontifícios para a Promoção da Unidade dos Cristãos, e para a Cultura; do Tribunal Supremo da Signatura Apostólica; e das Comissões Pontifícias para a América Latina, *Ecclesia Dei*, para a Interpretação Autêntica do Código de Direito Canónico, e para a revisão do Código de Direito Canónico Oriental.”¹³

Contudo, a Joseph Ratzinger era pedido algo mais. No dia 19 de Abril de 2005 era eleito Papa tomando o nome de Bento XVI. O *humilde servo da vinha do Senhor*, descrição que de si fez ao aparecer na *loggia* de São Pedro, teria pela sua frente um Pontificado que não sendo longo acabaria por ficar na história.

¹¹ J. RATZINGER, *A minha vida, Joseph Ratzinger, autobiografia do Papa Bento XVI*, 118.

¹² Cf. P. BLANCO SARTO, *Benedicto XVI, el Papa alemán*, 10.

¹³ *Biografia de Sua Santidade Bento XVI*. Publicado na página oficial da Santa Sé e citado da mesma fonte. In https://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/biography/documents/hf_ben-xvi_bio_20050419_short-biography.html. (08/02/2016 – 22.30h).

“Depois de ter examinado repetidamente a minha consciência diante de Deus, cheguei à certeza de que as minhas forças, devido à idade avançada, já não são idóneas para exercer adequadamente o ministério petrino. (...) com plena liberdade, declaro que renuncio ao ministério de Bispo de Roma, Sucessor de São Pedro. (...) verdadeiramente de coração vos agradeço por todo o amor e a fadiga com que carregastes comigo o peso do meu ministério, e peço perdão por todos os meus defeitos.”¹⁴

Bento XVI deixou Roma no dia 28 de Fevereiro de 2013 em direcção a Castel Gandolfo onde permaneceu durante cerca de três meses até regressar ao Mosteiro *Mater Ecclesia* no Vaticano onde permanece resguardado no silêncio da oração após uma vida dedicada à Igreja e ao Mundo.

2. *Um Teólogo entre teólogos.*

“Nunca mais voltei a encontrar homens com uma formação teológica e cultural tão ampla como Balthasar e Lubac, e também não sei dizer qual a minha dívida com estes dois pensadores.”¹⁵

Ratzinger foi nomeado membro da comissão teológica internacional em 1971, precisamente numa década em que florescia inúmeras iniciativas teológico-pastorais, fruto de fecundas amizades entre teólogos. Do nosso autor destaca-se o seu encontro com Von

¹⁴BENTO XVI, *Palavras de Bento XVI no Consistório Ordinário Público* de 11 de Fevereiro de 2013 em que Renunciou ao Pontificado. In L'OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XLIV, nº7 (2.251) 1 – 17 de Fevereiro 2013.

¹⁵ J. RATZINGER, *A minha vida, Joseph Ratzinger, autobiografia do Papa Bento XVI*, 104.

Balthasar, que marcaria profundamente o seu pensar e produzir teológicos, deste recorda o teólogo do amor e da verdade onde a teologia se unia com a oração.¹⁶

Dentro das muitas iniciativas que florescia destacavam-se as publicações sob forma de revista. Pouco depois dos trabalhos do Vaticano II, Küng, Schillebeeckx, Rahner ou Congar, davam vida à revista *Concilium* que parecia, à época, ter a hegemonia do pensamento teológico, pensamento este que pelo seu carácter progressista necessitava de ser contraposto com equilíbrio e ortodoxia. É neste contexto que surge a *Communio* no intuito de regressar às fontes, promovendo a par com o debate teológico a garantia da verdade da fé. Hans Von Balthasar, Ratzinger e Henri de Lubac eram dos seus principais protagonistas. O nosso teólogo, que participara inclusivamente nas raízes da *Concilium*, via-se então em consciência obrigado a afastar-se das posições tomadas por Küng e por Ranher, por exemplo, que em várias ocasiões puseram em causa a estrutura eclesial estabelecida, também ela fruto dos trabalhos conciliares. Ratzinger prefere ver neste afastamento não uma mudança ou uma ruptura, mas da sua parte a fidelidade ao seu caminho, a si mesmo e as seus princípios.¹⁷

No que toca à sua produção e trabalho pessoal, a Ratzinger são conhecidos e atribuídos mais de 600 títulos, entre livros e artigos que escreveu ao longo da sua vida académica e pastoral, achando nós por bem dar destaque às publicações que surgiram enquanto Papa, próprias do Magistério Papal.

Não fazendo uma apresentação extensiva dessas mesmas obras queremos somente apontar alguns títulos que sendo mormente conhecidos completam o pequeno registo histórico e biográfico por nós aqui apresentado.

Entre essas publicações destacamos algumas daquelas que foram sob a forma de entrevista realizadas e posteriormente publicadas. Os *Diálogos sobre a fé*, publicados em 1985 pela primeira vez, constituem um conjunto de entrevistas realizadas por Vittorio Messori que impressionaram e causaram bastante espanto na época; *O Sal da Terra*, outra publicação

¹⁶ Cf. P. BLANCO SARTO, *Benedicto XVI, el Papa alemán*, 220.

¹⁷ Cf. *Ibidem*, 223.

do mesmo estilo, foi preparada por Peter Seewald, e abordava o estado da Igreja e do Cristianismo aquando da preparação para a transição do novo milénio.¹⁸ Das suas publicações académicas de formação, prestação de provas e agregação, destacamos as já referidas *Povo e Casa de Deus no ensino de Santo Agostinho sobre a Igreja*, *A Teologia da História em São Boaventura* e ainda *O Deus da Fé e o Deus dos Filósofos*,¹⁹ *Lectio* inaugural que fez na Faculdade de Teologia da Universidade de Bonn, com a qual aceitou à cátedra de Teologia Fundamental.

Destacamos ainda *O Deus de Jesus Cristo. Meditações sobre Deus Uno e Trino; Teoria dos Princípios Teológicos, materiais para uma teologia fundamental; Introdução ao Espírito da Liturgia; Escatologia, a morte e a vida eterna* e ainda aquela que largamente seguimos e é uma das suas mais conhecidas e estudadas publicações *Introdução ao Cristianismo*.²⁰ De Ratzinger foram ainda publicadas várias homilias, discursos e conferências.²¹

Com a eleição Papal passaria a exercer o múnus de ensinar a Igreja Universal. Escreveu três Encíclicas *Deus Caritas Est* em 2006, *Spe salvi* em 2007 e *Caritas in Veritate* em 2009²². Preparava uma quarta que a par com as suas duas primeiras formariam um belo conjunto teológico baseado nas três virtudes teológicas. Sua Santidade o Papa Francisco

¹⁸ Das obras referidas citamos as publicações acessíveis – J. RATZINGER, *Diálogos sobre a fé*, trad. de Fernando Guimarães, Lisboa: Verbo, 1985; IDEM, *O Sal da Terra, O Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milénio. Uma entrevista com Peter Seewald*, Lisboa: Multinova, 1997.

¹⁹ Indicamos os títulos acessíveis na língua original do autor, bem como a tradução por nós utilizada nas obras que citamos posteriormente. – J. RATZINGER, *Die Geschichtstheologie des Heiligen Bonaventura*, EOS-Verl, St. Ottilien 1992. (J. RATZINGER, *A teologia da história de São Boaventura*, trad. de Maria Manuela Brito Martins, Centro de Estudos Franciscanos, Porto: Editorial Franciscana, 2010.); Volk und Haus Gottes in Augustins Lehre von der Kirche: Die Dissertation und weitere Studien zu Augustinus und zur Theologie der Kirchenväter, Herder, Freiburg, 2011. (*Popolo e casa di Dio in Sant'Agostino*, Milano: Jaca Book, 1971.); *Der Gott der Glausens und der Gott Der Philosophen*, Schnell & Steiner, Münster- Zürich, 1960. (J. RATZINGER, *El Dios de la fe y el Dios de los filósofos*, Madrid: Encuentro, 2006.)

²⁰ Cf. P. BLANCO SARTO, *Joseph Ratzinger, Benedicto XVI, Un mapa de sus ideas*, 65-70.

²¹ Das obras referidas citamos as publicações acessíveis – J. RATZINGER, *El Dios de Jesucristo: meditaciones sobre Dios Uno y Trino*, trad. de Luis Huerga, Salamanca: Sígueme, 1980; IDEM, *Teoría de los principios teológicos, materiales para una teología fundamental*, Barcelona: Herder, 2005; IDEM, *Introdução ao espírito da liturgia*, Lisboa: Paulinas, 2006; IDEM, *Escatología. La muerte y la vida eterna*, Barcelona: Herder, 2007; IDEM, *Introdução ao Cristianismo, preleções sobre o Símbolo Apostólico*, Cascais: Principia, 2005.

²² BENEDICTUS PP. XVI, *Litterae Encyclicae Deus Caritas est*, in AAS. 98 (2006); *Litterae Encyclicae Spe Salvi*, in AAS. 99 (2007) 992; *Litterae Encyclicae Caritas in veritate*, in AAS. 101 (2009).

acabaria por humildemente usar o esboço já feito e publicar a *Lumen Fidei*.²³ Escreveu ainda quatro exortações apostólicas características dos trabalhos pós sinodais, *Ecclesia in Medio Oriente*: Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Igreja no Oriente Médio, comunhão e testemunho em 2012; *Africae munus*: Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Igreja na África ao serviço da reconciliação, da justiça e da paz em 2011; *Verbum Domini*: Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja em 2010 e *Sacramentum Caritatis*: Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja em 2007.²⁴

Sob a forma de *Motu Proprio* destacamos o *Motu Proprio* sobre algumas modificações relativas à eleição do Romano Pontífice em 2013; a Carta Apostólica sob forma de *Motu Proprio Porta fidei* com a qual se proclama o Ano da Fé em 2011; o *Motu Proprio Summorum Pontificum* sobre a Liturgia romana anterior à reforma de 1970 em 2007; o *Motu Proprio* com o qual o Santo Padre retoma a norma tradicional sobre a maioria necessária na eleição do Sumo Pontífice, também de 2007 e *Motu Proprio* para a aprovação e a publicação do Compêndio do Catecismo da Igreja Católica em 2005.²⁵

Joseph Ratzinger recebeu vários doutoramentos *honoris causa*: pelo College of St. Thomas em St. Paul em 1984; pela Universidade Católica de Eichstätt em 1987; pela Universidade Católica de Lima em 1986; pela Universidade Católica de Lublin, em 1988; pela Universidade de Navarra em 1998; pela Livre Universidade Maria Santíssima Assunta em 1999; pela Faculdade de Teologia da Universidade de Wrocław no ano 2000 e

²³ FRANCISCUS PP, *Litterae Encyclicae Lumen fidei*, AAS. 105 (2013).

²⁴ BENEDICTUS PP. XVI, *Adhortatio Apostolica Postsynodalis Ecclesia in Medio Oriente*, in AAS. 104 (2012); *Adhortatio Apostolica Postsynodalis Africae Munus*, in AAS. 104 (2010); *Adhortatio Apostolica Postsynodalis Verbum Domini*, in AAS. 102 (2010); *Adhortatio Apostolica Postsynodalis Sacramentum Caritatis*, in AAS. 99 (2007).

²⁵ BENEDICTUS PP. XVI, *Litterae Apostolicae Motu Proprio datae quibus annus fidei incohatur*, in AAS. 103 (2011); *Litterae Apostolicae Motu Proprio datae De aliquibus mutationibus in normis de electione Romani Pontificis*, in AAS. 99 (2007); *Litterae Apostolicae Motu Proprio datae De usu extraordinário antiquae formae Ritus Romani*, in AAS. 99 (2007); *Litterae Apostolicae Motu Proprio datae Compendium Catechismi Catholice Ecclesiae approbatur et promulgatur*, in AAS. 97 (2005).

recentemente, já enquanto Papa emérito, recebeu o Doutoramento *Honoris Causa* por parte da Academia Musical de Cracóvia e da Pontifícia Universidade João Paulo II.²⁶

3. *Mestres*

“ Agostinho e Tomás, latim e grego, musica e liturgia, ciência e literatura, filosofia do diálogo, pessoa e existência, assim como um claro entusiasmo sobre a questão da verdade: esta era a bagagem intelectual do jovem seminarista que viria a iniciar os seus estudos de teologia em Munique.”²⁷

A amplitude dos temas que Joseph Ratzinger trata ao longo da sua vida são prova da diversidade de inspirações, estudos e fontes a que recorre. Em áreas como a musica, a arte, a liturgia e a filosofia são vários os autores que o teólogo alemão toma como referência e que agora nos propomos, como forma meramente contextualizadora, a abordar.

Não nos pode ser alheio o facto de Ratzinger ter vivido a sua juventude num tempo em que a Alemanha estava sobre o governo de um regime hostil aos princípios da liberdade, da igualdade e da dignidade humana. Neste contexto, uma das primeiras referências do jovem teólogo foi Theodor Steinbüchel que viria a escrever em 1936 a obra *A viragem radical do pensamento*. Nela se augurava o regresso do pensamento metafísico aberto à transcendência e se espelhava o desejo de uma *nova Alemanha*, onde pudesse de facto imperar a verdade em

²⁶*Biografia de Sua Santidade Bento XVI*. Publicado na página oficial da Santa Sé e citado da mesma fonte. In https://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/biography/documents/hf_ben-xvi_bio_20050419_short_biography.html. (09\02\2016 – 16.15h)

²⁷ P. BLANCO SARTO, *La Teología de Joseph Ratzinger, una introducción*, Madrid: Ediciones Palabra, 2011, 23.

detrimento da identificada *ditadura do relativismo*, pregada pelo regime nazi e contra a qual Joseph Ratzinger se debateu até aos dias de hoje.²⁸

Em 1947 com o seu ingresso no Herzogliches Georgianum, Ratzinger viria a ter contacto com nomes que constituíam à época o cerne do pensamento teológico alemão. Homens como Friedrich Stummer, Wiilhelm, Franz Seppelt, Richard Egender, Gottlieb Söhngen, Michael Schmaus e Josef Pascher, tomariam parte na construção da estrutura intelectual de Ratzinger. De forma particular os últimos três, respectivamente na Teologia, na Dogmática e na Pastoral.²⁹

No seu livro autobiográfico *A minha vida*, Ratzinger recorda particularmente Pascher e Söhngen. Sobre o primeiro, professor de Pastoral, realça a qualidade das suas aulas, bem como a solenidade com que celebrava a Santa Missa. Diz Ratzinger, que através dele veio também “a converter-se num adepto do Movimento Litúrgico”³⁰.

Sobre o segundo, Söhngen, aprez-nos mesmo citar longamente as palavras do então jovem estudante:

“O que melhor caracterizava o método de Söhngen é que ele pensava sempre a partir das mesmas fontes, começando por Aristóteles e Platão, passando por Clemente de Alexandria e Agostinho até Anselmo e Boaventura, Tomás, Lutero e a Escola Teológica de Tubinga do sec. XIX. Também Pascal e Newman estavam entre os seus autores preferidos. O que me impressionava nele era o facto de não se contentar nunca com a sorte do positivismo teológico (...) mas por levantar com grande rigor a questão da verdade.”³¹

A questão da verdade, sobre a qual mormente nos debruçamos neste trabalho, ocupa um lugar importantíssimo no pensamento de Ratzinger. A par com os nomes citados anteriormente há um autor que claramente tem primazia para o jovem da Baviera. John Henry

²⁸ Cf. P. BLANCO SARTO, *La Teología de Joseph Ratzinger, una introducción*, 18-19.

²⁹ S. MANSFIELD, *Pope Benedict XVI: His life and Mission*, New York: Penguin Group, 2013 (sem referência de página) in *livros Google Play* (27\01\2016 – 16.30h)

³⁰Cf. J. RATZINGER, *A minha vida, Joseph Ratzinger, autobiografia do Papa Bento XVI*, 54.

³¹ *Ibidem*, 54.

Newman é um dos homens da teologia moderna que mais o influenciou e muito particularmente no que toca ao tema da verdade. O anglicano que optou pela plena comunhão com a Igreja Católica encontrou nesta a Igreja viva dos Padres, negando uma terceira via de opção entre o catolicismo e o anglicanismo em defesa da verdade, da razão e da consciência.³² “O chamamento à voz da consciência por parte de Newman não supõe um refúgio na própria subjectividade mas sim uma busca constante da verdade com as luzes da própria razão.”³³

Enquadrando-o já no espírito contemporâneo, outro nome a reter é o de Romano Guardini, sendo este um dos autores que mais disse ao nosso teólogo e que Ratzinger teve a oportunidade de conhecer pessoalmente. O que chamava a atenção em Guardini era sem dúvida a capacidade de desenvolver o seu pensamento numa perspectiva teológico-filosófica e através desta ir ao encontro de dicotomias como liberdade e obediência, oração e liturgia, Igreja e mundo moderno, verdade e razão.³⁴ Na teologia de Guardini a verdade ocupava um lugar especial. Atraiu precisamente em Ratzinger esta paixão pela verdade, “a primazia do *logos* sobre o *ethos*, da ortodoxia sobre a ortopraxis”³⁵ tendo sempre em conta a modernidade do pensamento do professor italiano-alemão.

À semelhança da maioria dos teólogos, Ratzinger tem algumas referências ditas clássicas. Importa recordar essas mesmas referências que são parte importantíssima da sua formação enquanto teólogo. Agostinho, Tomás de Aquino e Boaventura constituem a tríplice clássica que sucintamente agora apresentamos.

“Como sabeis, também eu estou ligado de modo especial a algumas figuras de Santos: entre elas, além de São José e de São Bento dos quais tenho o nome, e a outros, encontra-se Santo Agostinho, que tive o grande dom de conhecer, por assim dizer, de perto através do estudo e da oração e que se tornou um bom «companheiro de viagem» na minha vida e no meu ministério. Gostaria de ressaltar mais uma vez um aspecto importante da sua experiência

³² Cf. P. BLANCO SARTO, *Joseph Ratzinger, Benedicto XVI. Um mapa de sus ideas*, 9.

³³ IDEM, *La Teología de Joseph Ratzinger, una introducción*, 9.

³⁴ Cf. *Ibidem*, 20.

³⁵ IDEM, *Joseph Ratzinger, Benedicto XVI, Un mapa de sus ideas*, 10.

*humana e cristã, actual também na nossa época na qual parece que o relativismo seja paradoxalmente a «verdade» que deve guiar o pensamento, as escolhas, os comportamentos.*³⁶

Para Pablo Sarto, o princípio pessoal e o toque intimista de Agostinho nomeadamente nas *Confissões* podem ser as razões pelas quais Ratzinger se identificou facilmente com o bispo de Hipona. A acrescentar a isto está o facto de Ratzinger ter defendido a sua tese doutoral precisamente na área da eclesiologia agostiniana, *Povo e Casa de Deus na doutrina da Igreja de Santo Agostinho*. Também as reflexões eucarísticas agostinianas ganhariam importância para Joseph Ratzinger ao ponto de Aidan Nichols dizer mesmo que a par com Henri de Lubac, Ratzinger foi dos primeiros a desenvolver uma eclesiologia eucarística completa e sistemática. Agostinho é para o nosso autor um exemplo de unidade teológica onde para além das suas capacidades intelectuais se destacam as virtudes de quem vive dedicado à oração e à contemplação. O bispo de Hipona destaca-se ainda pela suas qualidades pastorais sobretudo na homilética. Ratzinger à semelhança de Agostinho é um pastor e um pensador ficando mesmo conhecido como sendo um *Papa agostiniano*.³⁷

Sabemos ainda que Alfred Läßle, padre, professor e teólogo alemão, viria a ser um dos principais mentores nos estudos e nas leituras no início da vida académica de Ratzinger, nomeadamente através da tradução da *questio disputata* de São Tomás de Aquino sobre o amor, que contribuiu enormemente para que o nosso teólogo começasse o seu percurso filosófico-teológico através do conhecimento oriundo das *fontes*.³⁸

Tomás de Aquino é assim, um nome a reter neste nosso percurso pelas fontes ratzingerianas. Contudo, e apesar do trabalho de tradução da *questio disputata* de 1946, referida acima, o nosso autor teria um caminho a fazer no que toca à relação com o tomismo. O chamado tomismo renovado, que Ratzinger aprecia particularmente na obra *Surnaturel* de

³⁶ BENTO XVI – *Os santos como Agostinho, companheiros de viagem no cristianismo*. Audiência Geral em Castel Gandolfo de 26 de Agosto 2010. In L'OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XLL, nº35 (2.123) 12. – 28 De Agosto de 2010.

³⁷ Cf. P. BLANCO SARTO, *Joseph Ratzinger, Benedicto XVI, Un mapa de sus ideas*, 5.

³⁸ Cf. IDEM, *La Teología de Joseph Ratzinger, una introducción*, 18.

Henri de Lubac, será a linha por ele adoptada. Interessa-nos particularmente o facto de que também em São Tomás se pode compreender a paixão de Ratzinger pela verdade.³⁹ Olhemos, por exemplo, para o ano de 1987, aquando da celebração da Festa do santo, onde pode ler-se o seguinte testemunho na homilia que o então Cardeal Ratzinger dirigia aos fiéis:

«O único baptismo capaz de tornar adequado o contacto com Deus é a verdade. Deus é a verdade, a sua "sacralidade" repousa sobre a sua essência de verdade. A consagração de que necessitamos para a comunhão com Deus é o baptismo da verdade. "Consagrai-os na verdade". São Tomás consagrou a sua vida sobre estas palavras do Senhor. A sua vida foi na verdade e pela verdade. O serviço humilde e constante da verdade foi a sua consagração, o seu ministério sacerdotal»⁴⁰

Contemporâneo de São Tomás foi Boaventura, de quem Bento XVI nos deixa o seguinte testemunho na catequese que lhe dedicou em Março de 2010,

“Hoje gostaria de falar de São Boaventura de Bagnoregio. Confesso-vos que, ao propor-vos este argumento, sinto uma certa saudade, porque volto a pensar nas pesquisas que, como jovem estudioso, fiz precisamente sobre este autor, que me é particularmente caro. O seu conhecimento influiu em grande medida na minha formação.”⁴¹

Ratzinger à semelhança de outros autores da mesma época, como Romano Guardini ou Henri de Lubac, debruçou-se sobre o santo da escola franciscana que, proveniente também ele da tradição agostiniana, era considerado pelo nosso teólogo um *aristotélico-neoplatónico*. O tema da Revelação era naturalmente abordado a partir de São Boaventura e dele Ratzinger reteve principalmente a ideia da história da salvação como leitura interpretativa da revelação, a denominada *historia salutis*.

³⁹ Cf. P. BLANCO SARTO, *Joseph Ratzinger, Benedicto XVI. Un mapa de sus ideas*, 6.

⁴⁰ J. RATZINGER, “Omelia in occasione della festa di Sant Tommaso d’Aquino”, *Angelicum* 64/2 (1987) 189-190. (Tradução nossa)

⁴¹ BENTO XVI – *Um mestre do conhecimento de Cristo*. Audiência Geral de 4 Março de 2010 dedicada a São Boaventura de Bagnoregio. In *L’OSSERVATORE ROMANO*, Edição Semanal em Português, Ano XLI, nº10 (2.098) 12. - 6 De Março de 2010.

Também devemos ter em conta que é em Boaventura que reside uma parte fundamental do pensamento histórico-ontológico, muito importante para Ratzinger. A relação da verdade com o tempo, ou da ontologia com a história, ultrapassa a esfera cronológica da Idade Média vindo até aos nossos dias e de um modo bastante claro com Ratzinger\Bento XVI.⁴²

4. Princípios, método e Fundamentos Teológicos.

“Nunca procurei construir um sistema próprio, uma teologia especial. O que é específico é que, por assim dizer, eu queria simplesmente pensar com a fé da Igreja, e isso significa, sobretudo, pensar com os grandes pensadores da fé. Não é uma teologia isolada, tirada de mim mesmo, mas sim uma teologia que se abre tanto quanto possível dentro do caminho comum do pensamento da fé.”⁴³

A verdade e o diálogo, a serenidade e o equilíbrio, bem como a capacidade de afrontar e aprofundar construtivamente o discurso dando lucidez e coerência nas abordagens que faz, Ratzinger, como o próprio afirmou na citação que fazemos acima, realiza uma *co-teologia*, uma teologia do diálogo, abrangente, abarcadora da diversidade, uma teologia com a história, com a Igreja e sobretudo com a realidade propriamente dita.

Sarto diz-nos que a teologia de Ratzinger é uma teologia entre dois milénios e que abraça o melhor do século XX projectando-se no século XXI.⁴⁴

Michael Paul Gallagher na sua obra *Mapas de la fe* afirma que o Papa alemão é um autor completo e erudito e que segundo ele a cultura dominante actual está em total contradição não só com o cristianismo mas também com as tradições morais e religiosas da

⁴² Cf. P. BLANCO SARTO, *La Teología de Joseph Ratzinger, una introducción*, 29.

⁴³ J. RATZINGER, *O Sal da Terra*, 52.

⁴⁴ Cf. P. BLANCO SARTO, *Joseph Ratzinger, Benedicto XVI, Un mapa de sus ideas*, XXIII.

humanidade.⁴⁵ Esta cisão entre a tradição moral e a cultura marca profundamente a reflexão do nosso autor levando-o a debruçar-se mormente sobre a relatividade do pensamento contemporâneo, com a qual nos cruzamos ao longo deste trabalho.

Parece-nos importante referir neste momento a existência de uma visão unitária no pensamento do nosso autor, colocando de lado possíveis teses que dão conta de um primeiro e de um segundo Ratzinger. Revemo-nos na ideia de uma continuidade do pensamento que pode mesmo ser vista como uma evolução orgânica. Sarto refere-se ao método de Ratzinger como se de uma visão sinfônica da teologia se tratasse. O mesmo professor espanhol clarifica ainda aqueles que para ele são os pilares da teologia ratzingeriana. Temos por pilares, ou princípios ontológicos e antropológicos, os seguintes conceitos: a pessoa, o amor, a verdade, a beleza e a esperança.

O cunho personalista da teologia de Ratzinger bebe sobretudo do acontecimento da Encarnação de Cristo, o homem é imagem e semelhança de Deus, e a concepção pessoal do próprio Deus tem um rosto e um nome, Jesus Cristo. Este é o *Logos* encarnado, O qual por consequência ontológica vincula o homem à sua natureza originária, à verdade e ao amor. Cristo imagem perfeita do Pai é modelo do homem novo.

Não será ainda por acaso que o primeiro grande texto do seu Magistério Papal é sobre o amor. *Deus caritas est* é a procura de uma sistematização do amor no mundo de hoje. Para Ratzinger o amor é possível no nosso mundo e no nosso tempo. Contudo, o verdadeiro amor só nos é acessível quando estamos enraizados no amor de Deus, amando com o mesmo coração de Cristo.

A verdade e o amor são princípios complementares, porém a verdade aparece no percurso de Ratzinger como um alicerce inquebrantável do qual o mesmo não pode de modo algum abdicar. Alinhado com este conceito vem inequivocamente a discussão sobre o

⁴⁵ Cf. M. GALLAGHER, *Mapas de la fe. Diez grandes creyentes desde Newman hasta Ratzinger*, Santander: Sal Terrae, 2012, 173-174.

chamado multiculturalismo ou o positivismo agnóstico e relativo. O mundo vive quase segundo a formulação pascaliana, *etsi deus non daretur*.

Por fim a beleza e a esperança. Da primeira a necessidade da abertura ao sensível, ao belo, àquilo que pode transportar o homem para o transcendente, contudo a razão e a beleza são também elas complementares, assim, o artístico e o belo não devem ser reduzidos ao campo dos sentidos e dos sentimentos. A igreja e o homem necessitam de arte enquanto aguardam a beleza definitiva radicada na pessoa de Cristo. Nele está também e só a verdadeira esperança. Os desígnios finais, a escatologia e a história da salvação conduzem-nos para um futuro onde só a ressurreição de Cristo supera a utopia.⁴⁶

5. II Concílio do Vaticano.

“O concílio tem a caligrafia de Bento XVI.”⁴⁷

Muito se escreveu e se disse acerca do Concílio Vaticano II nas últimas décadas, em especial nos momentos imediatamente a seguir aos trabalhos e mais recentemente na proximidade da celebração do seu cinquentenário. De facto falar de Joseph Ratzinger\Bento XVI sem falar da experiência conciliar seria uma enorme lacuna. A presença do Pontífice Emérito não se traduziu somente na participação e na peritagem associada aos trabalhos à época, mas transpôs-se por largas décadas de serviço à Igreja tanto na missão que lhe foi confiada como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, bem como no exercício do Ministério Petrino após a sua eleição em 2005.

⁴⁶ Cf. P. BLANCO SARTO, *Joseph Ratzinger, Benedicto XVI, Un mapa de sus ideas*, 24-33.

⁴⁷ G. MÜLLER, *Reflexões sobre os escritos conciliares de Joseph Ratzinger*. Publicado na página oficial da Santa Sé e citado da mesma fonte. In http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/muller/rc_con_cfaith_doc_20121128_riflessioni_muller_po.html. (15 de Outubro de 2015. 15.30h.)

O jovem Ratzinger chegara ao Concílio num primeiro momento enquanto perito do Cardeal Frings tendo sido, segundo o mesmo, nomeado perito oficial do Concílio ainda durante o decorrer do primeiro período em Novembro de 1962.⁴⁸

No discurso que fez ao Clero de Roma, já depois do anúncio da sua renúncia ao Ministério Petrino, Bento XVI deixa clara a alegria e as esperanças depositadas no Concílio,

“havia uma expectativa incrível. Esperávamos que tudo se renovasse, que viesse verdadeiramente um novo Pentecostes, uma nova era da Igreja”

A este sentimento de esperança foi necessário somar todo um trabalho de bastidores que precedem e acompanham as grandes votações em São Pedro que a nossa memória fotográfica habitualmente regista. Joseph Ratzinger viria, como já vimos, a ter uma intervenção importante nas comissões preparatórias tomando parte essencialmente em duas: numa primeira fase a subcomissão da comissão teológica que elaboraria o esquema da *De ecclesia*, juntando-se a esta o seu contributo no melhoramento das propostas do esquema *De fontibus*, intervindo desta forma para a redacção que originaria a Constituição Dogmática *Dei Verbum*. Numa segunda etapa Ratzinger teve de facto um importante papel na redacção do decreto *ad gentes*.⁴⁹

Anos mais tarde viria a escrever comentários à *Lumen gentium*, à *Sacrosanctum concilium*, à *Dei Verbum* e à *Gaudium et spes*.

Será ainda proveitoso perceber o sentimento do Pontífice após a metade do século que nos separa dos tempos conciliares. No final do discurso ao clero de Roma, que já citámos, podemos ler o seguinte:

⁴⁸ “Convidou-me (Cardeal Frings) para ir com ele ao Concílio, inicialmente como seu perito pessoal; depois, no decurso do primeiro período – em Novembro de 1962, creio eu – fui nomeado também perito oficial do Concílio.” *No Concílio cheio de entusiasmo e esperança*. Discurso ao Clero de Roma no início da Quaresma 2013. In *L'OSSERVATORE ROMANO*, Edição Semanal em Português, Ano XLIV, nº8 (2.252) 8. – 24 de Fevereiro de 2013.

⁴⁹ G. MÜLLER, *Reflexões sobre os escritos conciliares de Joseph Ratzinger*.

“Sabemos como este Concílio dos meios de comunicação era acessível a todos. Por isso, acabou por ser o predominante, o mais eficiente, tendo criado tantas calamidades, tantos problemas, realmente tanta miséria: seminários fechados, conventos fechados, liturgia banalizada... enquanto o verdadeiro Concílio teve dificuldade em se concretizar, em ser levado à realidade; o Concílio virtual era mais forte que o Concílio real. Mas a força do Concílio era real, estava presente e, pouco a pouco, vai-se realizando cada vez mais e torna-se a verdadeira força, que constitui também a verdadeira reforma, a verdadeira renovação da Igreja. Parece-me que, passados cinquenta anos do Concílio, vemos como este Concílio virtual se desfaz em pedaços e desaparece, enquanto se afirma o verdadeiro Concílio com toda a sua força espiritual.”⁵⁰

De facto a leitura parece remeter-nos para uma lamentação generalizada dos tempos que se seguiram ao Vaticano II. Não é mentira que a história recente regista algumas clivagens depois das conclusões conciliares bem caracterizadas nos exemplos dados pelo Papa, ainda assim, interessa-nos registar o objectivo da verdadeira reforma, que se faz de forma contínua e gradual, sem espaços para dualismos eclesiais ou cortes radicais com a Tradição viva da Igreja. Parece-nos então oportuno recuperar a pergunta que Bento XVI faz durante o discurso que dirigiu à Curia Romana nas felicitações natalícias de 2005. “Porque é que a recepção do Concílio, em grande parte da Igreja, foi até agora tão difícil?”⁵¹ O segredo parece estar naquilo a que o Papa chama de *justa hermenêutica*, ou seja, a correcta interpretação e leitura do Concílio. Dentro das problemáticas associadas à recepção, Bento XVI destaca duas hermenêuticas que tendo sido contrárias entre si causaram por um lado confusão e por outro o surgimento de frutos, ainda que de modo discreto. Querendo assumir a definição de ambas as formas de interpretação conciliar, o Papa alemão define uma das interpretações como *hermenêutica da descontinuidade e da ruptura* e a outra como *hermenêutica da reforma*. A primeira aparece de facto com um registo de ruptura entre a Igreja do pré e do pós Concílio, expressão esta não muito grata a Bento XVI, não se revendo completamente nos documentos expressos pelos Padres conciliares, advogando que estes não

⁵⁰ BENTO XVI, *No Concílio cheio de entusiasmo e esperança*, 11.

⁵¹ BENEDICTUS XVI, *Ad Romanam Curiam ob omina natalicia*, in AAS. 98 (2006) 45.

são a totalidade da expressão do espírito conciliar. Assim, o desafio encerrava-se no seguimento não dos textos conciliares em si, mas do espírito do Concílio, deixando uma margem bastante subjectiva para a sua interpretação.

Era de facto necessário dar um novo alento à enunciação das verdades da fé contidas na doutrina. Nunca esteve em causa o conteúdo doutrinal, ou seja, o depósito da fé, mas sim o alcance que este tinha e a forma como chegava às pessoas. É claro que este exercício de vitalidade implicava uma enorme fidelidade por parte dos Padres Conciliares. Bento XVI cita precisamente as palavras de João XXIII e de Paulo VI, seja no discurso de abertura, seja no discurso de encerramento dos trabalhos, para caracterizar a hermenêutica da reforma. Em ambas intervenções, os Papas do Concílio defendiam então que o carácter imutável da doutrina devia ser respeitado procurando ainda assim apresentá-la e aprofundá-la segundo as exigências de um tempo novo.⁵²

Para o Cardeal Müller fica claro que “fora desta única interpretação ortodoxa infelizmente existe uma interpretação herética”.⁵³ A hermenêutica da ruptura de que fala Bento XVI, seja na sua representação progressista ou tradicionalista prefigura a rejeição do Concílio. Os primeiros deixando-o para trás intencionalmente como algo insuficiente e já ultrapassado, os segundos olhando-o com suspeição, como se de um Inverno da *Catholica* se tratasse.⁵⁴ A nós interessa-nos compreender que em todo este processo Bento XVI procura estimular um caminho onde uma justa hermenêutica se traduza naquilo que de facto é a verdade e por conseguinte naquilo que é fiel à Tradição da Igreja e aos desejos de Deus para o Povo peregrino.

⁵² Cf. BENEDICTUS XVI, *Ad Romanam Curiam ob omina natalícia*, 46-51.

⁵³ G. MÜLLER, *Reflexões sobre os escritos conciliares de Joseph Ratzinger*.

⁵⁴ Cf. *Ibidem*.

Capítulo II

Fé, Amor e Esperança: Referência teológica da Verdade.

“Pude observar, e também compreender, que a renúncia à verdade não resolve nada: pelo contrário, conduz à ditadura da arbitrariedade. Tudo o que resta só pode então ser decidido por nós e é substituível. O homem perde a dignidade quando não é capaz de conhecer a verdade, quando tudo não passa de produto de uma decisão individual ou colectiva. Assim, vi como é importante que não se perca o conceito de verdade, mas permaneça como categoria central, não obstante as ameaças e os riscos que sem dúvida envolve.”⁵⁵

No segundo capítulo do nosso trabalho propomo-nos traçar um itinerário pelo pensamento de Ratzinger acerca da concepção da verdade e da sua centralidade no processo de conhecimento e de encontro com Deus. Partindo da possibilidade de dúvida e da razoabilidade do questionar-se, procuramos a partir de escritos somente do autor estudado ir ao encontro de um conceito que estando no centro do pensamento ratzingeriano fundamenta muitas das suas posições e questões teológicas.

A pergunta: *o que é a verdade?* é colocada, para além da sua formulação pragmática, a partir de um certo cepticismo, contudo, para Ratzinger esta é de facto a questão que põe em jogo o destino da humanidade. É ou não de facto possível reconhecê-la? Ela é ou não critério do nosso pensar e do nosso querer?

No nosso mundo e em particular na sociedade hodierna, verdade e mentira, verdade e erro, andam muitas vezes misturadas e porventura em determinadas situações parecem até indissociáveis.

Nas próximas páginas procuraremos mostrar que de facto o mundo só é *verdadeiro* quando reflecte Deus confiando na Razão eterna e criadora que lhe deu vida.⁵⁶

⁵⁵ J. RATZINGER, *O Sal da Terra*, 52.

⁵⁶ Cf. IDEM, *Jesus de Nazaré, da entrada em Jerusalém até à ressurreição*, Cascais: Principia, 2011, 158.

Este caminho pela questão da verdade é para Joseph Ratzinger inseparável de uma outra questão, a razoabilidade da fé. Assim, certos de que há uma complementaridade clara entre estes dois temas propomo-nos a reflectir sobre a interrogação acerca de Deus por meio da Razão, na certeza de que, contudo, a fé não vive do pão da factibilidade e é sobretudo substrato da esperança e mistério de Amor.

1. O problema da verdade – da sua concepção à centralidade na busca da fé.

1.1 O conhecimento da Verdade.

“A fé constitui para o incrédulo uma ameaça e uma tentação para o seu mundo aparentemente completo.”⁵⁷

Desde que temos conhecimento da nossa própria existência tornou-se comum o questionamento sobre nós mesmos, as nossas origens, a nossa presença na Terra e o nosso futuro. Estas são de forma sucinta as quatro grandes interrogações inscritas no pensamento do homem acerca de si e daqueles que o rodeiam.

Enquanto princípios existenciais, estas quatro perguntas tornaram-se indissociáveis das dinâmicas da fé. As certezas ou as incertezas, a ausência ou a existência de fé são assim parte do processo de procura da verdade sobre o homem.

Para Ratzinger, a fuga à incerteza da fé não dissipa o possível dilema sobre a mesma, muito pelo contrário, o homem tem de conviver com as incertezas dessa ausência e fica limitado na possibilidade “de dizer com certeza definitiva que a fé não é a verdade.”⁵⁸

O conhecimento da verdade é claramente um tema nodal na abordagem à fé, nomeadamente diante do facto de o homem moderno se caracterizar pela desistência da procura da verdade em si mesma, tendo sido esta retirada para o constatável que se pode provar através de métodos exactos.⁵⁹

⁵⁷J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 32.

⁵⁸ Cf. *Ibidem*.

⁵⁹ Cf. IDEM, *Fé e Futuro*, Estoril: Principia, 2008, 24. – Os capítulos desta obra foram inicialmente transmitidos como conferências radiofónicas no ano de 1969. As conferências gravitavam todas em redor do tema: *A interrogação sobre a fé e o futuro*.

Contudo, o mundo do homem moderno, como citávamos, é aparentemente completo pois sempre que a ciência exacta o abandona ele sente-se totalmente inseguro. Ratzinger vê aqui um *apelo à fé*.

Esta insegurança, característica de quem “se quer limitar ao que se pode estreitamente conhecer”⁶⁰ leva o homem a cair na crise da realidade tendo como consequência a obstrução sobre o que realmente é a verdade.

Para o nosso autor, ninguém consegue afastar de si a totalidade da dúvida, o *talvez* aparece como uma enorme tentação da qual o homem “não consegue fugir e na qual também ele precisa de experimentar a irrecusabilidade da fé dentro da própria recusa.”⁶¹ Tanto crentes como não crentes têm presente, cada um à sua maneira, a dúvida e a fé. Para os primeiros, a fé aparece como presença contra a dúvida, enquanto que para os segundos a fé é considerada como forma de dúvida.⁶²

A questão que se parece impor é se a fé é ou não uma “atitude digna de um homem moderno e adulto,”⁶³ se o homem reconhece ou não que o seu afastamento de Deus o reduz a uma dimensão meramente horizontal e se este reducionismo coloca em causa a sua dignidade enquanto homem, bem como se o facto da sua pretensão de ser o único artífice da realidade e da história empobreceu o seu “ser criatura à imagem e semelhança de Deus.”⁶⁴

Estas questões advêm certamente do facto de muitos dos homens e mulheres dos nossos dias terem uma concepção limitada da fé cristã e a identificarem, de forma superficial,

⁶⁰J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 33.

⁶¹ *Ibidem*.

⁶² Cf. *Ibidem*.

⁶³ IDEM, *A Europa de Bento, na crise das Culturas*, Braga: Ed. Aletheia, 2005, 71. – Esta obra surge a partir da existência de três conferências do cardeal Ratzinger pronunciadas em 1992, em Bassano do Grappa (Itália), aquando da recepção do prémio “Escola e cultura católica”, em 1997, no discurso que fez ao Movimento pela Vida, e em 1 de Abril de 2005, no mosteiro beneditino de Santa Escolástica, em Subiaco, onde recebeu o Prémio “São Bento pela Europa”.

⁶⁴ Cf. BENTO XVI, *O Mundo, o homem e a fé. Como responder com doçura ao ateísmo prático que ofusca o horizonte ético*. Audiência Geral de 14 de Novembro 2012. In L’OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XLIII, nº46 (2.238) 3. – 17 Novembro de 2012.

com um “mero sistema de crenças e de valores e não com um Deus que se revelou na história desejoso de comunicar intimamente com o homem.”⁶⁵

A compreensão desta intenção de comunicação divina encontra num primeiro momento alguns obstáculos, pois pensando no “abismo infinito que existe entre Deus e o ser humano,”⁶⁶ na medida em que o homem só tem ao seu alcance a possibilidade de ver *o que Deus não é*, Deus aparece como invisível, como Aquele que se encontra fora do campo visual do homem.

A invisibilidade de Deus é uma constatação da fé bíblica que aparece em oposição à visibilidade das divindades. Esta verificação não diz respeito só ao Ser de Deus mas esclarece muito acerca do próprio homem.

O grande desafio estará certamente na tentativa de mostrar ao homem que a totalidade do mundo não pode estar encerrada naquilo que ele pode ver, ouvir ou tocar. O considerar a fé como uma forma de acesso à realidade obriga o homem a não ter como irreal o que não pode ser colocado diante do seu campo de visão, implicando necessariamente a crença de que “aquilo que não é visível representa a verdadeira realidade que sustenta e possibilita toda a realidade restante.”⁶⁷

“Dificulta a situação actual o novo abismo entre o outrora e o hoje, que se junta ao abismo entre o visível e o invisível”⁶⁸

Existe um evidente paradoxo, quase indissociável da fé, que é o facto de esta “se apresentar com uma roupagem do passado, parecendo até identificar-se com ele.”⁶⁹ As várias tentativas de actualização das dinâmicas da fé, que Ratzinger recorda com expressões como

⁶⁵ Cf. BENTO XVI, *O Mundo, o homem e a fé*, 4.

⁶⁶ J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 35.

⁶⁷ Cf. *Ibidem*.

⁶⁸ *Ibidem*, 36.

⁶⁹ *Ibidem*, 38.

desmitificação ou o conhecido conceito de *aggiornamento*, são prova do desespero que existe diante da necessidade “de apresentar como actual, aquilo que na verdade, não deixa de ser do passado.”⁷⁰

A fé aparece precisamente como a condução do homem em direcção ao *nada aparente* do invisível e do inatingível. É isto que perturba e ao mesmo tempo desafia o homem, pois desinstala-o da totalidade aparente do seu mundo visível, como já tivemos oportunidade de ver. Contudo, isto traz em si um enorme atrevimento, pois parece exigir do homem um compromisso com o passado. É precisamente nesta exigência que se diagnostica o problema da dicotomia entre o passado, associado à tradição, e o futuro, associado ao progresso.

A tradição era para o homem uma segurança, um “elemento protector no qual podia confiar”⁷¹ sempre que fosse necessária a sua invocação. Este sentimento viria a dar lugar a um outro. O homem moderno olha para a tradição como algo preso ao passado, enquanto o progresso é a *verdadeira promessa do ser*, fazendo com que o homem já não procure colocar-se no lugar da tradição e do passado, mas sim no espaço do progresso e do futuro. Deste modo, a fé, sendo apresentada ao homem sob a forma de tradição, soa certamente a “alguma coisa superada que não pode ser capaz de lhe abrir um lugar na existência.”⁷²

Para Ratzinger, esta distância que existe entre o visível e o invisível fica “encoberta e bloqueada pelo escândalo secundário do outrora e do hoje, ou seja, pela antítese entre tradição e progresso, pelo compromisso com o passado de que parece vir acompanhada a fé.”⁷³

A dicotomia tradição-progresso pode trazer consigo uma certa distorção do escândalo fundamental da fé cristã, ou seja, é necessário desprender-se da ideia de que a fé cristã se preocupa exclusivamente com o eterno, pois a grande *positividade irrevogável da fé cristã* é precisamente o facto de Deus estar dentro da história pelo mistério da Encarnação. O Deus

⁷⁰ J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 37.

⁷¹ *Ibidem*, 38.

⁷² *Ibidem*.

⁷³ Cf. *Ibidem*, 37-38.

feito homem vence o abismo entre o eterno e o temporal e a fé em Jesus Cristo é, antes de tudo, fé revelada.

Seria certamente mais simples crer no *eterno oculto*, permitindo que Deus ficasse infinitamente distante, num mistério eternamente incompreensível, ao invés de nos entregarmos ao positivismo da fé numa única pessoa.

Esta reflexão que fazemos permite-nos compreender a intenção de Ratzinger em demonstrar que a questão do outrora e do hoje torna-se secundária diante da profundidade do positivismo cristão. É quase impossível encontrar uma interpretação do cristianismo que não incomode ninguém, correndo o risco de que a permissividade diante de um cristianismo interpretativo leve a um vazio da realidade e a uma falsificação da verdade sobre o ser humano.⁷⁴

1.2 Chamados à Verdade que liberta.

“Desenvolveu-se “na maneira de pensar e de existir dos tempos modernos uma nova concepção da verdade que costuma condicionar, geralmente de modo inconsciente, o nosso modo de pensar e falar”⁷⁵

Enquanto método científico exacto, Ratzinger considera o positivismo como algo inegavelmente útil e necessário face à constante evolução da humanidade. Contudo, o positivismo visto como mundividência é insustentável e representa o fim do homem. A possível pretensão de fazer um *coro com o positivismo* vai contra a natureza da fé, devendo

⁷⁴ Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 40.

⁷⁵ *Ibidem*, 41.

esta assumir firmemente a abertura à totalidade ou seja, “à radicalidade da interrogação sobre a verdade.”⁷⁶

Em Hyde Park, no Reino Unido, aquando da beatificação do Cardeal Newman, e citando este último, o então Papa Bento XVI, recorda-nos que na nossa condição de seres humanos, criados à imagem e semelhança de Deus, “fomos chamados para conhecer a verdade e encontrar nela a nossa liberdade definitiva e o cumprimento das aspirações humanas mais profundas.”⁷⁷

Para aprofundar o conhecimento sobre o que é a verdade, Ratzinger propõe-nos, na *Introdução ao Cristianismo*, um percurso histórico-filosófico compreendido essencialmente em três fases. Uma abordagem sobre *a origem do historicismo*, uma reflexão sobre *a viragem para o pensamento técnico e a questão do lugar da fé* no enquadramento destas duas perspectivas.

Relativamente à primeira fase, olhamos para Giambattista Vico, a quem Joseph Ratzinger recorre para apresentar uma abordagem que considera diferente e que foi capaz de formar “uma ideia totalmente nova acerca da verdade e do conhecimento.”⁷⁸ Para o autor alemão, a peculiaridade de Vico está no facto de ter ousado antecipar aquilo que viria a ser “a fórmula típica do espírito moderno acerca da verdade e do conhecimento.”⁷⁹ Vico, face à equação escolástica *verum est ens* – o ente é a verdade – contrapôs a sua fórmula *verum quia factum*. Com esta, pretende-se reconhecer como verdadeiro somente aquilo que foi feito pelo homem. Ratzinger encontra nesta formulação o início do espírito moderno e por sua vez o fim da “velha metafísica.”⁸⁰

⁷⁶ Cf. J. RATZINGER, *Fé e futuro*, 76-79.

⁷⁷ BENTO XVI, *A Verdade que liberta exige o testemunho*. Discurso de Bento XVI na Vigília de oração para a Beatificação do Cardeal John Henry Newman em Hyde Park, Londres (18 de Setembro de 2010) in L'OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XLI, nº39 (2.127) 9. – 25 de Setembro 2010.

⁷⁸ J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 41.

⁷⁹ *Ibidem*.

⁸⁰ Cf. *Ibidem*.

Contudo, verifica-se que para a Antiguidade e para Idade Média aquilo que é feito pelo homem é algo de fortuito e de passageiro, dado que para os pensadores destas duas épocas da história o saber humano não passava de *techne* pois não podia nunca chegar ao nível do conhecimento verdadeiro. O próprio ser, esse sim, é verdadeiro, que tendo sido feito por Deus, que é o intelecto por excelência, fê-lo pensando. Então, se todo o ser é ser pensado “significa que qualquer ser, sendo pensamento, é também sentido, *Logos*, isto é, verdade.”⁸¹ O homem pode então reflectir sobre o *Logos*, sobre o sentido do ser, pois o “seu próprio *logos* é do único *logos*, pensamento do pensamento original.”⁸²

Ratzinger recorda que a conhecida afirmação cartesiana, que está subjacente à concepção apresentada anteriormente, viria a ser posta em causa pelo pensamento de Giambattista Vico. Este último, ao contrário de Descartes, que exige a exclusão dos factos para a obtenção da certeza e reconhece apenas a certeza formal da razão como verdadeira certeza, afirma que o “verdadeiro conhecimento é o conhecimento das causas.”⁸³ Para Vico, eu só conheço aquilo do qual conheço a causa, ou seja, conhecemos verdadeiramente aquilo que nós mesmos fizemos, porque só nos conhecemos a nós mesmos. Ora, isto traz consigo uma consequência lógica. A igualdade entre a verdade e o ser dá lugar à equiparação da verdade à facticidade. O *factum* é então apresentado como caminho possível para construir uma nova existência. O que está para além do homem fica reduzido ao *factum*, permitindo a instalação de um antropocentrismo radical onde o próprio homem é visto como um processo histórico. Para o nosso autor, isto expressa-se de forma evidente na filosofia hegeliana, enraizada na história, nas doutrinas económicas marxistas, também elas repensadas à luz da

⁸¹ Citamos a nota integral que Ratzinger faz a este respeito – “Esta afirmação só se aplica em toda a sua extensão ao pensamento cristão, que, com a ideia da *Creatio ex nihilo*, atribui a Deus também a matéria, na qual a Antiguidade viu um elemento alógico, estranho a Deus, constituindo por isso mesmo limite da compreensibilidade da realidade”. (J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 42, nota 9).

⁸² Cf. *Ibidem*, 42.

⁸³ *Ibidem*, 43.

história, ou ainda na teoria evolucionista de Darwin, onde o “sistema dos seres vivos é visto como uma história de vida.”⁸⁴

Numa segunda fase, que Ratzinger intitula de *viragem para o pensamento técnico*, a predominância do *factum* viria gradualmente a dar lugar ao *faciendum*, àquilo que é factível e deve ser feito.

Assim, e diante da ideia emergente que o mero *factum* e a sua certeza inabalável não existem, o factível ganharia ascendência sobre o feito e a tecnologia rapidamente se tornaria o verdadeiro poder e dever do ser humano.

Para o teólogo bávaro, fica claro que a teologia tentou encarar de forma positiva o historicismo, na medida em que também ela procurou construir a fé enquanto história. Porém, ainda que a substituição da metafísica pela história pudesse parecer num primeiro instante satisfatória para a teologia, aquando da substituição da história pela tecnologia tornou-se perceptível a não validade dessa tentativa.

Deste modo surgiria uma nova abordagem, no lugar de colocar a fé ao nível do *factum*, projectar-se-ia esta no plano do *faciendum*, recorrendo à interpretação e apoiada numa teologia política, a fé seria como instrumento de transformação do mundo.

Este pequeno percurso enunciado anteriormente serve certamente para compreender que a estrutura da fé está entre o *factum* e o *faciendum*. Enquanto ocupante de um lugar na história, a fé está intimamente ligada ao *factum* e enquanto colaboradora na transformação do mundo, pelo protesto contra a inércia das instituições humanas, a fé tem também bastante a ver com o *faciendum*.

O *factum* e o *faciendum* permanecem como possibilidades do existir humano, contudo estas não devem ser tomadas como exclusivistas por si só, e apesar de relacionadas, como vimos, devem continuar bem distintas.⁸⁵

⁸⁴ Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 43.

⁸⁵ Cf. *Ibidem*, 46-48.

“Aquilo que é contra-natura torna-se norma; o homem que vive contra a verdade vive também contra a natureza.”⁸⁶

Na obra *Fé - Verdade - Tolerância*⁸⁷ Ratzinger deixa claro que à questão sobre o conhecimento da verdade está inerente o prefixo *liberdade-responsabilidade*. Uma maior liberdade implica também um crescimento da responsabilidade e considerando que a responsabilidade é “resposta à verdade do ser humano”⁸⁸ conclui-se que da verdadeira história da libertação faz parte uma contínua purificação, no sentido da verdade. A ideia fundamental é de que a verdade e a liberdade não são de modo nenhum contrárias. Contudo é sempre necessário ter presente que a realidade de cada indivíduo tem implícita uma referência ao todo e ao outro, podendo-se afirmar que em cada homem está presente a verdade comum do ser humano, ou seja, a *natureza humana*.

Acreditarmos que fomos criados por Deus e que dessa forma estamos inseridos no seu único pensamento exige-nos uma correspondência que vai ao encontro desta responsabilidade que não é mais do que a resposta àquilo que verdadeiramente somos.” Esta verdade sobre o homem está bem expressa na Sagrada Escritura, onde o Decálogo aparece como uma resposta àquilo que o íntimo da nossa natureza reclama.⁸⁹

Também em São Paulo, que Ratzinger toma como referência particularmente nesta questão, diz-se com clareza, na Carta aos Romanos, que a verdade é acessível ao homem,

⁸⁶ J. RATZINGER, *A Europa de Bento, na crise das Culturas*, 86.

⁸⁷ Parece-nos importante referir que a obra citada surge de uma colectânea que o autor organizou sobretudo a partir de textos que escreveu no final da década de noventa e no princípio do novo milénio. Segundo o prefácio da mesma fica claro que a crítica feita à Declaração *Dominus Iesus*, redigida ao tempo em que era Prefeito na Congregação para a Doutrina da Fé, impulsionou estas reflexões sobre a relação da Verdade com a Fé e a Tolerância entre as religiões e as culturas.

⁸⁸ Ratzinger recorre ao conceito de responsabilidade de Hans Jonas, que considera a responsabilidade como “conceito ético central.” (H. Jonas, *Daz Prinzip Verantwortung*, Frankfurt 1979, *apud* J. RATZINGER, *Fé, Verdade, Tolerância, o cristianismo e as grandes religiões*, Lisboa: Edições UCP, 2007, 222)

⁸⁹ Cf. J. RATZINGER, *Fé, Verdade, Tolerância*, 224-228.

porém ela exige uma certa submissão que se expressa na glorificação a Deus⁹⁰ desinstalando o homem do seu egocentrismo e do conforto acima da exigência da verdade, parecendo existir uma negação da verdade em favor da conveniência.

É certo que há e haverá sempre dentro do homem uma tensão entre uma natural abertura interior da alma humana a Deus e a atracção pelo imediato, pelo não eterno e que a sua constante afirmação sobre si mesmo lhe dificulta este encontro com Deus, com a verdade.⁹¹

Contudo, “a verdade é *logos*, que cria *dia-logos*”⁹² e por isso mesmo “abre e une as inteligências no *logos* do amor,”⁹³ libertando o homem das suas opiniões e sensações subjectivas para que encontre a sua verdade, pois se “a verdade do homem não existe, então ele não tem qualquer liberdade,”⁹⁴ só a verdade liberta. “As verdades parciais são correlativas com uma mentira e isto anula a totalidade: toda a mentira sobre a liberdade neutraliza os elementos de verdade associados com a mesma. A liberdade sem verdade não é em absoluto liberdade.”⁹⁵

⁹⁰ Pode ler-se em Romanos 1,21. – “Porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu.”

⁹¹ Cf. J. RATZINGER, *A Europa de Bento, na crise das Culturas*, 86-89.

⁹² BENEDICTUS XVI, *Caritas in veritate*, 4.

⁹³ BENEDICTUS XVI, *Caritas in veritate*, 4.

⁹⁴ J. RATZINGER, *Fé, Verdade, Tolerância*, 229.

⁹⁵ IDEM, *Verdad y libertad*. In *Humanitas* 14 (1999) 199-222. In http://www.humanitas.cl/html/revista/hum14_1999.html (3 de Novembro 2015, 11.30h).

2. A razoabilidade da Fé

2.1 Regensburg: Interrogar-se sobre Deus por meio da Razão.

“A fé, tal como é vista pelo Credo, não é uma forma imperfeita de conhecimento ou uma opinião que depois possa ou deva ser trocada por um conhecimento factível.”⁹⁶

Na *lectio magistralis* que proferiu na Universidade de Regensburg, Bento XVI tem a intenção de deixar claro que é necessário e razoável a interrogação acerca de Deus por meio da razão, bem como a ideia de que este propósito deve estar sempre presente no contexto da tradição da fé cristã.

Ratzinger recorre às palavras do Imperador Bizantino Manuel II⁹⁷ precisamente para poder afirmar que “não agir segundo a razão é contrário à natureza de Deus.”⁹⁸

No intuito de justificar a sua concordância com esta ideia, bem como a sua validade para a fé cristã, socorre-se do Prólogo de São João no qual se usa a palavra *Logos*, e que é concordante com o texto de Manuel II onde se usa o mesmo vocábulo.

O *Logos*, antes de mais, significa Razão e Palavra, tanto pela sua dimensão criadora como pela sua capacidade de se comunicar. É aqui que a Tradição cristã e o pensamento helénico se cruzam, aproveitando o melhor deste último e proporcionando o “encontro entre a fé e a razão, o iluminismo autêntico e a religião.”⁹⁹

⁹⁶ J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 50.

⁹⁷ BENTO XVI, *Fé, Razão e Universidade*. Discurso de Bento XVI na presença de representantes do mundo científico. Universidade de Regensburg. O Papa refere que para elaborar o discurso que proferiu na Universidade de Regensburg recorreu à obra do professor Theodore Khoury (Münster) sobre o diálogo que Imperador Bizantino Manuel II Paleólogo teve com um persa erudito precisamente sobre o cristianismo e o Islão nomeadamente sobre a verdade de ambos. In L'OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XXXVII, nº38 (1.918) 9. – 23 De Setembro 2006.

⁹⁸ BENTO XVI, *Fé, Razão e Universidade*, 9.

⁹⁹ *Ibidem*.

É na base desta fusão que é possível afirmar que não agir *com o logos*, com a razão, é contrário à natureza de Deus.

A doutrina católica recorda que entre Deus e o Homem, entre o Criador e a *razão criada*, existem efectivamente enormes diferenças, mas não de tal ordem que possam anular aquela que é uma verdadeira analogia entre Deus e o Ser Humano.

A divindade de Deus não é maior pelo facto de Este estar longe, muito pelo contrário, o “voluntarismo puro e impenetrável”¹⁰⁰ nada tem a ver com o Deus que é *logos* e como tal “age cheio de amor em nosso favor.”¹⁰¹

Dada a importância do mundo grego para o pensar da razoabilidade da fé cristã e dado que surgiu na história uma dupla visão sobre a presença helénica no pensamento cristão, importa também que nos detenhamos um pouco sobre isto continuando acompanhar as palavras proferidas por Bento XVI em Regensburg.

Parece haver nos inícios da Idade Moderna um pedido de deselenização do Cristianismo face ao pensamento já existente de que o “património grego, criticamente purificado”¹⁰² é parte integrante da fé cristã. Este movimento de deselenização aparenta surgir em sintonia com os movimentos da Reforma do Século XVI. Os pensadores da Reforma consideravam que a tradição das escolas teológicas estava altamente condicionada pela filosofia e que por isto a fé estava *determinada a partir de fora*. Era necessário libertar a fé de uma estrutura alicerçada num sistema filosófico e faze-la ressurgir enquanto *palavra histórica viva* a partir da conhecida máxima *sola scriptura* que parecia reclamar uma *pura forma primordial de fé*.

Nos séculos seguintes juntar-se-ia a isto o radicalismo kantiano que colocando de lado o pensamento, como forma de dar espaço à fé, procurou fundamenta-la exclusivamente na razão prática.

¹⁰⁰ BENTO XVI, *Fé, Razão e Universidade*, 9.

¹⁰¹ *Ibidem*.

¹⁰² *Ibidem*.

Com os séculos XIX e XX, marcados pela teologia liberal, constituiu-se segundo Ratzinger, uma nova fase de deselenização com Adolf Von Harnack. A intenção de Harnack era fazer valer a ideia do *Jesus meramente homem*, possuidor de uma mensagem simples e anterior a todas as helenizações. Jesus havia deixado o culto a favor da moral e aparecia como o pai de uma mensagem moral humanitária. O objectivo de Harnack era conduzir o Cristianismo à harmonia com a razão moderna. Para Bento XVI o teólogo alemão liberal pretendia ir ao encontro da razão prática, expressa na clássica *crítica* de Kant e depois radicalizada no pensamento das ciências naturais.

Aqui está presente aquilo a que Ratzinger chama de *auto-limitação da moderna razão* sintetizada entre o racionalismo e o empirismo e confirmada pelo sucesso técnico.¹⁰³

É no pressuposto de uma estrutura matemática da matéria, no qual se alicerça o conceito moderno de natureza, que se radica a ideia de que *só a possibilidade de controlar a verdade e falsidade através da experiência fornece a certeza decisiva*. Parecendo assim encerrar-se a questão de que só neste tipo de certeza se pode falar de carácter científico. Claro está que este método exclui à partida o problema de Deus considerando-o como algo acientífico ou pré-científico.

Para o nosso autor estes factos assim apresentados são sem dúvida uma forma reduzida de pensar a ciência e a razão humana. O homem sofre em si mesmo um reducionismo quando deixa de poder responder àquelas que são as questões propriamente humanas, de onde venho, para onde vou. Estas são as questões fundamentais para a fé e para o *ethos* e que sobre estes pressupostos parecem não ter lugar no espaço da razão comum sendo assim empurradas para o campo do subjectivo. A consciência subjectiva torna-se a consciência ética e critério de religiosidade. Para Ratzinger isto é altamente perigoso tanto

¹⁰³ Sobre isto citamos na íntegra o texto de Bento XVI – “Em poucas palavras, este conceito moderno da razão baseia-se numa síntese entre platonismo (cartesianismo) e empirismo, que o sucesso técnico confirmou. Por um lado, pressupõe-se a estrutura matemática da matéria, por assim dizer a sua racionalidade intrínseca, que torna possível compreendê-la e usá-la na sua eficácia operacional: este pressuposto básico é, por assim dizer, o elemento platónico no conceito moderno da natureza. Por outro lado, trata-se da utilização funcional da natureza para as nossas finalidades, onde só a possibilidade de controlar verdade ou falsidade através da experiência é que fornece a certeza decisiva.” (BENTO XVI, *Fé, Razão e Universidade*, 9)

para a razão como para a religião, por isso, é urgente que a razão e a fé se encontrem de forma nova e que se supere a limitação auto-decretada pela razão, dando espaço a uma maior amplitude, sem que esteja encerrada no experimental e verificável. A teologia compete, para além do seu estudo humano-científico, ser indagadora da razão da fé.¹⁰⁴

De facto, nesta matéria Bento XVI é bastante claro, ao ler-se a catequese onde aborda o tema: *O bom senso da fé em Deus*, pronunciada no Ano da Fé, facilmente compreendemos que a fé católica sempre rejeitou o chamado fideísmo, e deste modo afastou-se de uma crença absurda e irracional. O fideísmo radica em si a vontade de crer contra a razão, contudo, Deus não é absurdo podendo por ventura ser mistério e desta feita o mistério não é de todo irracional. É curioso ver que o Papa chega mesmo a afirmar que diante do mistério a razão vê obscuridade, isto não pelo facto de haver uma possível ausência de luz, mas sim porque essa luz existe e existe em demasia.

Bento XVI alude ao seu sempre fiel mestre Agostinho para recordar a inquietação deste na procura da verdade. Agostinho usou de facto um conjunto de filosofias para procurar responder à questão sobre o que é a verdade. Todas elas antes da sua conhecida conversão se tornaram insatisfatórias. Diante da fé Revelada, percebe-se que o intelecto e a crença não são antagónicos, mas são ambos necessários para o acolher da mensagem autêntica podendo-se aproximar do mistério. A par com Agostinho, o *fides quarens intellectum* de Santo Anselmo, referido pelo Papa na catequese recorda que procurar a inteligência faz parte do acto interior do crer. A nossa fé é assim dita razoável e nutre por isso confiança na própria razão humana.

Só pensado o compreender e o crer à luz de uma fecundidade conjunta torna possível olhar para uma frutuosa relação entre ciência e fé.¹⁰⁵

¹⁰⁴ Cf. BENTO XVI, *Fé, Razão e Universidade*, 9.

¹⁰⁵ Cf. IDEM, *O bom senso da fé em Deus*. Audiência Geral de 21 de Novembro 2012. In L'OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XLIII, nº47 (2.239) 3. – 23 De Novembro 2012.

2.2 *A fé não vive do pão da factibilidade.*

Na *Introdução ao Cristianismo*, nomeadamente no ponto intitulado *A fé como acto de se firmar e de entender*, Ratzinger reflecte sobre aquela que parece ser uma das primeiras formas de intelectualização da fé cristã. A expressão de Isaías 7,9, *se não crederdes, não subsistireis*, considerada fundamental e intraduzível, leva o nosso autor a confrontar o binómio firmar/entender com o de saber/fazer.

A partir do radical 'mn (ámen) que pode ter um amplo significado como por exemplo: *fidelidade, firmar-se, confiar-se, crer em algo*, conseguimos perceber que ter fé é um acto de confiança que leva o homem a estar seguro da existência de uma base sólida para a sua vida. Para além dos vários significados que vimos, a tradução da expressão de Isaías que encontramos na *Septuaginta* torna ainda mais ampla a expressividade do vocábulo em questão. Nesta tradução grega do Antigo Testamento lemos Isaías 7,9 traduzido assim: *se não crederdes, não entendereis*.

Aqui parece surgir a ideia de que a esta tradução é um início manifesto do processo de helenização da fé e a sua transposição para um plano que lhe é inadequado como é o plano do entendimento e da razão. Ainda que reconheça algum princípio de verdade nesta crítica, Ratzinger prefere dizer que a essência do conteúdo hebraico ficou resguardada na tradução grega não deixando o firmar-se da tradução hebraica de estar relacionado com o acto de entender presente na tradução da língua helénica.

Como já tivemos oportunidade de ver, no início deste capítulo e também a partir da *Introdução ao Cristianismo*, a fé está noutro plano que não o da factibilidade, dado que a confiança que lhe é inerente deposita-se em algo que não foi feito e nunca poderia ser feito por nós. Portanto, a intenção de provar a fé no sentido do conhecimento da factibilidade está para Ratzinger condenada ao fracasso.

Tem de ficar claro que estamos perante dois planos diferentes, duas formas fundamentais do comportamento humano em relação à realidade e que nenhuma delas pode ser reduzida à outra.

A confrontação que Martin Heidegger faz entre o pensamento calculista e o pensamento reflexivo é resgatada por Ratzinger precisamente para demonstrar a legitimidade e a necessidade destas duas formas de pensamento. O primeiro direccionado para a factibilidade e o segundo para o sentido das coisas. Parece contudo correr-se o risco de que hodiernamente o triunfo do pensamento calculista encubra a necessidade de reflexão e crie até um certo clima de aversão à mesma. O nosso autor recorda que esta tentação não é exclusiva da contemporaneidade e que já no século XIII São Boaventura alertava sobre o mesmo perigo, quando repreendeu os colegas da Faculdade de Paris por terem aprendido a medirem o mundo mas terem desaprendido a medirem-se a si mesmos.

Também o pensamento marxista é, segundo Joseph Ratzinger, uma forma de unir o conhecimento factível à fé. O sentido do ser humano funde-se com o *faciendum*, que sendo entendido como futuro, ou seja, aquilo criado por nós mesmos, transporta a fé para o sentido do feito. A questão é que o marxismo parece somente conseguir prometer esta transformação do factível como sentido, sem na verdade nunca ter sido capaz de dar cumprimento à intenção teórica. O incumprimento desta promessa pode mesmo ser entendido como o espaço a ser ocupado pela fé.

A verdade é que o homem não vive somente do *pão da factibilidade*, na sua verdadeira essência ele precisa e vive de amor, de sentido. A fé aparece assim como a opção fundamental daquele que aceita, que coloca o *confiar* antes do *fazer*, não com isto desprezando o *fazer* ou considerando-o supérfluo, simplesmente assume-se a opção de que o invisível é mais real que visível, aderindo à primazia do invisível, real e verdadeiro que nos sustenta e nos capacita para enfrentar o visível.¹⁰⁶

¹⁰⁶ Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 52.

“Deus não é um objecto passivo, mas o fundamento activo do nosso ser.”¹⁰⁷

Diante da regressão dos Gálatas a alguns costumes judeus, São Paulo, na Carta que lhes dirige, procura repreendê-los, aludindo precisamente ao conhecimento que já possuem de Deus, com a seguinte expressão, “*agora, porém tendo conhecido a Deus, ou melhor, sendo conhecidos por Deus, como é possível que vos convertais a elementos fracos e pobres*” (Gal 4,9). Aqui parece aludir-se a um processo de conhecimento de Deus a partir de uma dinâmica activo-passiva, ou seja, não há uma construção racional propriamente dita, mas sim um ato da parte daquele que é interpelado que implica uma resposta possibilitando inclusive uma negação.

Como dizíamos, *Deus não é um objecto passivo, mas o fundamento activo do nosso ser*, Ele é fundamento por si mesmo e sonda o mais íntimo de nós mesmos. Olhar para Deus como elemento passivo no processo de conhecimento é um enorme erro pois pressupõe somente as formas de conhecimento nas quais o homem se considera agente activo, como se toda a realidade fosse um sistema de objectos inanimados que o homem maneja.

Um dos argumentos utilizados pela moderna razão é precisamente a visão de Deus enquanto *ficção moral* para explicar de forma abstracta, ainda que compreensível, algumas dependências espirituais presentes no homem. Sobre este aparente problema Ratzinger desenvolve o pensamento de Heisenberg relativamente à abordagem que este último faz do conceito de religião elaborado por Max Planck. Alicerçado no pensamento moderno cimentado no século XIX, Planck, separava distintamente o universo em parte objectiva e parte subjectiva. As ciências naturais e os métodos exactos diriam claramente respeito à objectividade sendo que as decisões pessoais que saiam fora da classificação verdadeiro-falso diriam respeito à subjectividade. A religião entraria, segundo Planck, no campo das decisões subjectivas, não havendo necessidade de se encontrar com o universo objectivo da ciência.

¹⁰⁷ J. RATZINGER, *Teoría de los principios teológicos*, 79.

Na obra *Dialogos sobre la física atómica*¹⁰⁸ parece ficar claro que uma separação radical entre ciência e fé seria seguramente uma espécie de recurso de emergência para um tempo muito limitado, ou seja, a separação da *fé em Deus* da *verdade objectiva* demonstra um desconhecimento profundo da essência da verdade. Vejamos a referência que Ratzinger toma de Heisenberg, para o qual a religião diz respeito á verdade objectiva e portanto a divisão entre objectividade e subjectividade do Universo parece-lhe demasiado forçada. Contudo, o objectivo desta reflexão é mostrar que Deus é mais que uma convicção do sujeito, e está muita para além de uma objectividade vazia acerca de Deus.¹⁰⁹

Voltando à *Introdução ao Cristianismo*, nomeadamente ao penúltimo ponto do capítulo primeiro, intitulado a *razão da fé*, Ratzinger procura mais uma vez a partir da palavra *âmen* encetar uma conclusão para aquilo que temos vindo a referir até aqui. Como sabemos esta obra tem por método a leitura continuada do Credo e a partir dela a elaboração de uma introdução aos conceitos da fé cristã. É precisamente pela convergência da palavra *creio* e da palavra *âmen* que o nosso autor procura manifestar o movimento espiritual que está inerente à profissão de fé da Igreja. No radical do *âmen*, como vimos, está integrada, pela etimologia hebraica, a palavra fé a partir da confiança firmada em algo que não foi feito por mim e do qual não posso confirmar a correcção dos cálculos que lhe deram origem. Aparentemente estaríamos perante uma entrega cega ao irracional. Contudo, esta confiança constitui o “encontro do *logos*, da *ratio*, do sentido e, assim, da própria verdade, porque a razão sobre a qual se firma o ser humano afinal não pode nem deve ser outra senão a própria verdade que se franqueia.”¹¹⁰

O *logos* grego e o ‘*nm* (*âmen*)’ hebraico são até certo ponto correspondentes dado a amplitude de significados que já vimos, palavra, sentido, razão e verdade. O amén é como que o nosso assentimento, a nossa firmeza e estabilidade. É a nossa verdade. Pois somente a

¹⁰⁸ *Diálogos sobre la física atómica*, versão castelhana do original – W, HEISENBERG, *Der Teil und das ganze. Gespräche im Umkreis der atomphysik*, Munich, 1969. – Nesta obra Heisenberg estabelece um diálogo com o físico Wolfgang Pauli (*Apud* J. RATZINGER, *Teoría de los principios teológicos*, 80, nota 2)

¹⁰⁹ Cf. J. RATZINGER, *Teoría de los principios teológicos*, 81.

¹¹⁰ IDEM, *Introdução ao Cristianismo*, 53.

verdade é o fundamento adequado no qual o ser humano se pode firmar. Assim o *logos*, sobre o qual nos firmamos é quanto ao sentido também a verdade, pois estaríamos perante um claro contra-senso se um determinado sentido não correspondesse à verdade.¹¹¹

¹¹¹ Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 53.

3. Fé: A realização processual do Amor.

3.1 Fé, Substrato da esperança.

“A fé significa, a ruptura com o mundo do calculável.”¹¹²

A ruptura com o mundo do calculável possibilita ao ser humano o alcance da realidade como um todo, abre-lhe os horizontes da sua existência verdadeiramente humana levando-o a perceber que no íntimo dessa existência “há um ponto que não pode ser alimentado e sustentado pelo que é visível e tangível.”¹¹³

A fé não é somente a esperança de uma realidade que há-de vir mas sobretudo uma aproximação a essa realidade esperada que se torna para o homem numa “prova das coisas que ainda não se vêem.”¹¹⁴

Para Joseph Ratzinger o homem precisa de deixar a cegueira que lhe provém da sua *gravidade natural*, ou seja, tem de deixar de confiar exclusivamente naquilo que os olhos vêem e permitir a sua conversão.

A fé aparece então como um acto de conversão, como uma viragem que se deve procurar fazer todos os dias.¹¹⁵ Se a pensarmos como uma mudança que compromete a vida e a totalidade do nosso ser, facilmente compreendemos que está para além da nossa inteligência, do campo do saber intelectual.¹¹⁶

¹¹² J. RATZINGER, *Fé e Futuro*, 39.

¹¹³ Cf. IDEM, *Introdução ao Cristianismo*, 36.

¹¹⁴ Ratzinger toma o versículo 1 do capítulo 1º da Carta aos Hebreus a propósito da ideia da fé como “garantia das coisas que se esperam”. – “Ora a fé é garantia das coisas que se esperam e certeza daquelas que não se vêem” (Heb 11,1); Cf. BENEDICTUS PP. XVI, *Spe Salvi*, 7.

¹¹⁵ Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 36.

¹¹⁶ BENTO XVI, *Voltar para Deus*. Audiência Geral de 17 de Outubro 2012. In L’OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XLIII, nº42 (2.234) 3. – 20 De Outubro 2012.

“Os olhos da fé são capazes de ver o invisível, e o coração do crente pode esperar além de toda a esperança, precisamente como Abraão.”¹¹⁷

A Sagrada Escritura apresenta-nos a fé de Abraão como modelo fundamental de toda a fé. O Patriarca Abraão, a quem chamamos Pai na fé, é o primeiro a manifestá-la num Deus que não vê. Ele configura de forma perfeita a ideia da *volta, viragem* ou *conversão*, que nos aparece na linguagem bíblica e à qual Ratzinger recorre com frequência para explicar a dinâmica do crer. A constatação de que a fé não é simplesmente uma “atitude que desce de forma automática até ao desnível da existência humana”¹¹⁸ é visível na vocação abraâmica que exalta uma “obediência e uma confiança radicais, às quais somente a fé permite aceder.”¹¹⁹

A peculiaridade de Abraão está precisamente no facto de a sua fé o levar a percorrer um caminho paradoxal, ou seja, ele confia plenamente na promessa que lhe é feita ainda que não usufrua e veja os sinais dessa mesma promessa.¹²⁰ Enquanto promessa, a fé de Abraão, projecta-se para o futuro e por isso mesmo ela é esperança, pois atrai o tempo que há-de vir para dentro do presente. Logo, o futuro muda o presente e este é “tocado pela realidade futura e assim as coisas futuras derramam-se nas presentes e as presentes nas futuras.”¹²¹

Na Carta Encíclica *Spe Salvi*, o nosso autor faz um importante, ainda que sucinto, percurso bíblico para demonstrar o intercâmbio possível entre a fé e a esperança. Da Carta aos Hebreus recolhe a *estreita ligação da plenitude da fé*¹²² “com a imutável profissão da esperança” (Heb 10,23) recordando também que, na Primeira Carta de Pedro, este *exorta os Cristãos a estarem sempre prontos a responderem a propósito do logos – o sentido e a razão*

¹¹⁷ BENTO XVI, *Cristãos contra a corrente*. Audiência Geral de 23 de Janeiro 2013. In L'OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XLIV, nº4 (2.248) 3. – 26 De Janeiro 2013.

¹¹⁸ Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 36.

¹¹⁹ Cf. BENTO XVI, *Cristãos contra a corrente*, 3.

¹²⁰ Cf. J. RATZINGER, *Fé e Futuro*, 39.

¹²¹ Cf. BENEDICTUS PP. XVI, *Spe Salvi*, 8.

¹²² Cf. Heb 10,22.

– *da sua esperança*.¹²³ Do mandato paulino “não deveis entristecer-vos como os outros que não têm esperança” (1 Ts 4,13) retiramos o elemento distintivo dos cristãos, ou seja, o facto de estes terem um futuro, não na plena certeza do que há-de vir mas na firme esperança de que a vida não acaba no vazio.¹²⁴

Segundo Ratzinger, podemos ser tentados, a partir da tese formulada por São Paulo, a olhar para a fé de Jesus e em Jesus como uma continuação em linha recta da fé Abraâmica. Contudo, “a fé *em* Jesus constitui a passagem para algo diferente e inovador.”¹²⁵

Abraão tem como horizonte a crença num futuro dado por Deus, a partir da imagem da Terra Prometida e da numerosa descendência. Para Paulo, o horizonte abraâmico torna-se pleno na Pessoa de Cristo. A fé em Cristo que ressuscitou dos mortos não é outra coisa se não a fé de Abraão, ou seja, a promessa de um futuro, de uma terra. Contudo, em Cristo este futuro tem uma forma mais radical, vai para além das fronteiras da morte, que são a verdadeira antítese da relação constitutiva do homem com o seu futuro.¹²⁶

“O homem é feito de tal maneira que não pode viver sem futuro.”¹²⁷ Contudo, a promessa da eternidade pode ter uma dupla leitura para o homem, por um lado, pode ser libertadora, por outro, ameaçadora. Simplesmente porque “a ideia de que as acções e omissões serão julgadas segundo a medida da eternidade determina não apenas o instante presente, mas também o que se passará para lá das fronteiras da morte.”¹²⁸

“Pela esperança, o que ainda não existe, ilumina já a nossa vida: só uma certa espécie de presente pode fundamentar a confiança absoluta que é a esperança”¹²⁹

¹²³ Cf. 1 Pe 3,15.

¹²⁴ Cf. BENEDICTUS PP. XVI, *Spe Salvi*, 3.

¹²⁵ Cf. J. RATZINGER, *Fé e futuro*, 46.

¹²⁶ Cf. *Ibidem*.

¹²⁷ *Ibidem*, 55.

¹²⁸ *Ibidem*.

¹²⁹ IDEM, “A Esperança,” *Communio* 5/2 (1985) 456.

A Esperança é para antigo Sucessor de Pedro uma das melhores definições da existência cristã. Ser cristão implica por excelência ter esperança, uma esperança autêntica, transformadora, que sacie, que vá para lá de todas as esperanças terrenas e que vença o fim de todas as esperanças - a morte.

Inerente à esperança está aquilo que parece ser uma enorme carência do ser humano. O homem tem no seu horizonte muito mais do que qualquer presente lhe pode oferecer. Esta sensação de quem espera torna-se assim fonte de compreensão para ultrapassar e vencer as barreiras do empírico.

O impossível parece tornar-se necessário e a esperança aparece como solução para essa exigência. A experiência da exigência ou o paradoxo do desejo, leva o homem a abandonar-se a si mesmo e à razoabilidade da sua existência fazendo com que a confiança de quem espera se torne numa oculta alegria que afasta o homem dos sofrimentos empíricos. Na esperança encontra uma felicidade que de outro modo não poderia experimentar.

O que *ainda não* existe aparece como iluminação no *já* da nossa vida e por isso só uma “certa espécie de presente pode fundamentar a confiança absoluta que é a esperança.”¹³⁰

É na Carta aos Hebreus que se encontra a fundamentação bíblica daquilo a que Ratzinger chama de ontologia da esperança. Neste escrito, a fé é definida como “a *hypostase* das coisas que se esperam e uma demonstração das que não se vêem”¹³¹ (11,1). Esta definição cruza-se com a ideia presente na mesma Carta na qual Cristo é apresentado como imagem da *hypostase* de Deus. Dois capítulos adiante é expressa a ideia de que pela fé os cristãos se tornam participantes de Cristo e por Ele participantes de Deus.

A ideia subjacente ao texto da Carta aos Hebreus é, para Ratzinger, bastante clara: as coisas empíricas são passageiras. Cristo, única e verdadeira *hypostase*, é a realidade permanente e duradoura.

¹³⁰ J. RATZINGER, “A Esperança,” 456.

¹³¹ *Ibidem*.

Ter fé é a certeza que se está seguro na verdadeira realidade, na *verdadeira substância de todas as coisas*.¹³²

Assim, o carácter racional do Universo permite ao homem aceder à Razão de Deus, sendo que a Sagrada Escritura assume o papel de encarnar o verdadeiro iluminismo, que tendo entregue o mundo à razão humana procurou liberta-lo da exploração dos seres humanos, abrindo a razão à verdade e ao amor de Deus.¹³³

3.2 Fé, Mistério de Amor.

“A fé cristã vive não só do facto de haver um sentido objectivo, mas também de esse sentido me conhecer e amar”¹³⁴

O carácter pessoal da fé cristã é para o nosso autor a qualidade mais importante que esta pode apresentar. O crer em *Ti*, que sendo bastante diferente do crer em *algo*, define-a e identifica-a com uma pessoa.

Aquilo que é distante e intocável torna-se próximo e tocável, a Encarnação do Filho de Deus torna-se presença do eterno neste mundo com um amor que ama cada qual como uma dádiva inconcebível que torna a vida digna de ser vivida. A fé é este encontro do mundo com o *Tu*, que nos concede a eternidade, não como mera aspiração, mas como realidade concedida, exigindo ao homem uma confiança sem limites.¹³⁵ Assim, a fé e a confiança cruzam-se com o amor pois este confiar no *Tu* implica um entregar-se e estar com o outro. Para usar a

¹³² Cf. J. RATZINGER, “A Esperança,” 456-457.

¹³³ Cf. IDEM, *No Princípio Deus Criou o Céu e a Terra*, Cascais: Principia, 2009, 27.

¹³⁴ IDEM, *Introdução ao Cristianismo*, 56.

¹³⁵ Cf. *Ibidem*, 55-56.

expressão de Ratzinger, implica uma *revolução copernicana* na nossa vida, deixando-nos libertar do centralismo em nós mesmos e da ideia de que o outro gira à minha volta.

O egoísmo, que nos é apresentado como a grande antítese do amor, tem na fé um elemento essencial de superação. A fé é caminho para vencer a auto-satisfação e a presunção do homem, que padecendo de um certo déficit de amor encontra na superabundância do amor de Deus o caminho que o conduz verdadeiramente a si próprio.¹³⁶ A vida, aparentemente limitada, é humanizada pela fé, pois sendo *laboriosa na caridade e forte na esperança* torna-a a nossa existência plenamente humana pelo acolhimento da Revelação de Deus em Jesus Cristo.¹³⁷

Desta forma a fé aparece como dom de Deus, como acto teologal, ela orienta a nossa existência, enquanto decisão fundamental ela tem efeito em praticamente todos os aspectos da nossa vida, não se reduzindo unicamente ao âmbito intelectual, à vontade ou só ao emocional. A fé abarca tudo isto de forma una, como um acto completo do *eu*, como que incluindo toda a pessoa na sua unidade e integridade. Estas características fazem da fé um acto altamente pessoal levando-a assim a superar o próprio eu, o transcendente e os limites do indivíduo. Esta superação de si mesmo torna o homem um *ser com*, pois na doação total ao *tu do outro* ele dá-se totalmente ao Tu de Deus. A fé faz com que renasça em mim o verdadeiro eu, pois graças a ela o homem abre-se à comunhão com Deus. Na Pessoa de Jesus Cristo tomamos parte da filiação divina. A fé é como que o olhar do próprio Jesus que nos permite ver aquilo que Ele vê, o ser Filho de Deus leva-o a ver continuamente o Pai e por ser homem inclui-nos nessa visão do Eterno.

No *acto de fé* está incluída a Encarnação de Deus, a economia salvífica que se radica no mistério humano-divino de Jesus Cristo, que entrando na história inaugura um novo Povo

¹³⁶ Cf. J. RATZINGER, *Do sentido de ser cristão*, Cascais: Principia, 2009, 72.

¹³⁷ Cf. BENTO XVI, *Voltar para Deus*, 3.

de Deus, a Igreja, que se fazendo portadora humana da história da salvação é parte deste mesmo *acto de fé*.¹³⁸

De facto nós acreditamos no amor. Enquanto opção fundamental de vida o amor pode exprimir o mais puro modo de ser cristão, tendo sempre no horizonte a possibilidade radical proposta e vivida por Jesus, culminada na cruz e sinal de um Deus que se vira contra Si próprio levantando o homem e salvando-o.¹³⁹

¹³⁸ Cf. J.RATZINGER, “¿Qué Cree la Iglesia?”, *Communio* 15/2 (1993) 93-96. (Edição Espanhola)

¹³⁹ BENEDICTUS PP. XVI, *Deus Caritas est*, 12.

Capítulo III

Verdade e Liberdade: breve síntese da recepção do pensamento de Joseph Ratzinger\Bento XVI.

“Se crer significa darmos um consentimento convicto a Alguém que oferece à nossa vida um fundamento estável de verdade e esperança – por força do qual nos conhecemos a nós próprios, agarramos o sentido da realidade e reconhecemos a nossa vocação e o nosso destino - então pela fé cristã esse Alguém tem o rosto de uma pessoa: é Jesus Cristo.”¹⁴⁰

Até este momento debruçámo-nos sobre aqueles que nos parecem ser os quatro pilares fundamentais do pensamento de Ratzinger: a verdade, a razão, a esperança e o amor.

A presença destes fundamentos, que são constitutivos da pessoa humana, no pensamento teológico do nosso autor confirma a sua opção por uma perspectiva filosófico-teológica personalista e existencialista que despontou nos inícios do século XX.

A ideia de que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus e cristãmente acreditado na Sua Trindade faz com que cada um de nós seja único e inigualável, ou seja, cada homem está inscrito de forma única no projecto de amor e verdade pensado por Deus e Revelado por Jesus.¹⁴¹ É aqui que entra a fé, ela entra no mais íntimo e pessoal, abarca a razão e o coração, a ética e o conhecimento.¹⁴²

Neste último capítulo, propomo-nos a percorrer o itinerário anterior na perspectiva de alguns autores que estudaram e estudam Ratzinger. Da ditadura do relativismo, que invade e petrifica o coração do homem, ao estéril cientificismo e ao medo da verdade, procuramos por fim abrir os horizontes de uma razoabilidade fecunda que cimentada no primado do *Logos* é para o homem sinal real do amor de Deus, Razão Criadora e Redentora.

¹⁴⁰G. VIGINI, *Guia para a leitura da obra de Joseph Ratzinger, Bento XVI*, Cascais: Lucerna, 2012, 13.

¹⁴¹ Cf. P. BLANCO SARTO, “La Teología de Joseph Ratzinger, Temas centrales,” *Revista catalana de Teologia* 36/1 (2011) 265.

¹⁴² Cf. *Ibidem*, 266.

1. Verdade: Condição necessária para um mundo livre.

“O relativismo é tão problemático, pois não chega a ser uma mutação epocal da condição e da inteligência humana, comporta-se sim como uma desordem generalizada da intencionalidade profunda da consciência a respeito da verdade, que tem manifestações em todos os âmbitos da vida”¹⁴³

A questão da verdade, como já tivemos a oportunidade de ver, está no centro da teologia de Ratzinger. Ser cooperador da verdade foi o lema que escolheu para exercer o seu múnus episcopal, mas que o acompanhou sempre enquanto lema de vida e proposta teológica.

O Deus de Jesus Cristo é um Deus que vive a dinâmica do amor e da verdade de forma inseparável. A complementaridade destes dois princípios define a fé cristã de forma extraordinária: “O Cristianismo é a religião do amor e da verdade.”¹⁴⁴

A fé torna-se precisamente a resposta ao amor como verdade. Na sua terceira Encíclica como Pontífice da Igreja, *Caritas in veritate*, Bento XVI alerta-nos para o perigo de o amor correr o risco de se ver separado da verdade, degenerando em algo vazio e de mero sentimentalismo.¹⁴⁵ É necessário orientar o homem para aquilo que é verdadeiro, a mentira separa-nos das nossas raízes do Ser e afasta-nos do *Logos* do amor, no qual se alcança a verdade libertadora. A verdade é para Bento XVI a condição necessária e a prioridade para que o mundo se torne livre. Podemos assim afirmar que para o teólogo Bávaro a verdade e o amor são as duas vias essenciais para conhecer a condição humana, daí que tenham grande importância no seu pensamento teológico e conseqüentemente no seu Magistério.

O relativismo face à ideia de verdade, proveniente da mentalidade moderna que consolidou “a ideia de que não há nada que seja simplesmente verdadeiro ou bom em si,”¹⁴⁶

¹⁴³ A. RODRÍGUEZ LUÑO, “Relativismo verdad y fe.” *Boletín de la Prelatura de la Santa Cruz y Opus Dei* 42 (2006) 150.

¹⁴⁴ *Ibidem*.

¹⁴⁵ Cf. M. GALLAGHER, *Mapas de la fe. Diez grandes creyentes desde Newman hasta Ratzinger*, 187.

¹⁴⁶ D. TESSORE, *Bento XVI, Pensamento Ético, Político e Religioso*, Lisboa: Temas e Debates, 2007, 22.

encerra o homem num certo empirismo e utilitarismo que lhe vedam a possibilidade de chegar ao conhecimento de uma verdade dita objectiva. A preocupação de Ratzinger com a questão da verdade prender-se sobretudo com o facto de que a Igreja tem na sua missão a responsabilidade de procurar e encontrar a Verdade, transmitindo-a não só à comunidade dos crentes mas também a todo mundo. A questão é que, num contexto global, a verdade parece ser substituída pela decisão da maioria, juntando-se a isto a diversidade cultural que faz jus à tese de que “a verdade não pode apresentar-se como entidade acessível e vinculativa para todos os homens. Assim a multiplicidade das culturas torna-se prova de relatividade de cada uma delas. A cultura é contraposta à verdade.”¹⁴⁷ O relativismo aplicado à verdade não é somente um raciocínio filosófico, mas conduz à intolerância quando colocada a questão de Deus.”¹⁴⁸

Por nos parecer pertinente, seguimos agora a reflexão que o Prof. Ángel Rodríguez Luño, Decano da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade de Santa Cruz, faz a partir do pensamento de Ratzinger acerca do relativismo.

Fica muito claro para Rodríguez Luño que o “relativismo se converteu no problema central que a fé cristã tem de atravessar nos nossos dias,”¹⁴⁹ mais do que uma questão de relatividade moral face às propostas cristãs, nomeadamente católicas, o relativismo enquanto problema é-o muito mais e primeiramente no âmbito filosófico e religioso. Tal como já tivemos a oportunidade de ver é algo inerente à consciência contemporânea e independente da crença.

É no decurso desta reflexão que cabe a distinção entre o que é do âmbito relativo e o que é do âmbito do erro. Na verdade, o erro parece ser compatível com uma recta atitude de consciência e na relação que esta estabelece com a verdade. No artigo que seguimos, *Relativismo, Verdade e fé*, o teólogo espanhol para explicitar esta distinção alude o seguinte:

¹⁴⁷ Cf. D. TESSORE, *Bento XVI, Pensamento Ético, Político e Religioso*, 23.

¹⁴⁸ Cf. G. MÜLLER, *Ampliare l'orizzonte della ragione. Per una lettura di Joseph Ratzinger-Benedetto XVI*, Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2012, 55.

¹⁴⁹ Cf. A. RODRÍGUEZ LUÑO, “Relativismo verdad y fé”, 150.

“Quem afirmasse, por exemplo, que a Igreja não foi fundada por Jesus Cristo, afirmava-o porque pensa (equivocadamente) que essa é a verdade, e que a tese oposta é falsa.”¹⁵⁰

Claro está que quem parte deste princípio está certo de que pode chegar à verdade. Todavia existirão sempre os que a alcançam e aqueles que tendo afirmado o contraditório à verdade se equivocam.

No que toca à filosofia relativista, diz-nos Rodríguez Luño que esta se baseia na ideia de que as realidades divinas são de certa forma inacessíveis e que não há nenhuma forma exclusiva de chegarmos a essas mesmas realidades. Portanto, em cada tempo concreto da história elas são expressas nos seus contextos linguagens e simbolismos próprios. Esta afirmação acarreta consigo a consequência lógica que nos interessa para a reflexão: nenhum sistema religioso tem em si o chamado valor de verdade absoluta.

Dado a relatividade imposta nestas premissas todos os sistemas religiosos são igualmente válidos e capazes de captar a verdade, ainda que por vias diversas.

Para a nossa reflexão e sobretudo para a missão que parece ao longo dos anos ser parte da vocação particular de Ratzinger, o confronto com o relativismo e a sua relação com a verdade, é importante recordar que o teólogo bávaro parte normalmente do princípio, ampla e unanimemente compreendido pela Igreja, de que o Cristianismo se apresenta diante do mundo como a *religião verdadeira*. “A fé cristã move-se no plano da verdade e esse plano é o seu espaço vital mínimo.”¹⁵¹ A fé em Jesus Cristo não é mitológica, ritualista ou uma conduta ética específica. Ela é viva, comunicável e comunicada, ou seja, ela comunica-nos pela Pessoa de Jesus a verdade sobre Deus e conseqüentemente impele-nos a levarmos essa verdade aos outros.

Também acerca do cristianismo se poderia cair na interpretação relativa de que a fé cristã é mais uma forma entre outras de chegar à verdade sobre Deus. O chamado pluralismo

¹⁵⁰ A. RODRÍGUEZ LUÑO, “Relativismo verdad y fe”, 150.

¹⁵¹ *Ibidem*.

religioso é visto como um direito, direito este que está assente na vontade do próprio Deus em se revelar também nas chamadas religiões não cristãs. Deste modo, a exclusividade da revelação divina na Pessoa de Cristo perde a sua relevância e o homem pode unir-se a Deus e d'Ele receber a salvação através de outras vias.¹⁵²

O que parece estar aqui em causa é a existência de pretensiosismos de possuir a verdade. Dag Tessore diz mesmo que “em nenhum caso a verdade pode constituir uma posse, a relação com ela deve ser sempre de humilde adesão, no receio de podermos tornar-nos indignos dela.”¹⁵³

Há de facto uma certa falta de sensibilidade na relação com a verdade e particularmente em questões relacionadas com o viver. Talvez a chave para compreender a problemática seja antes de tudo o entendimento sobre o conceito de liberdade e a sua relação com a verdade. A intitulada desordem antropológica poderá ter realmente a sua génese na invocação contínua e inapropriada da ideia de liberdade. Aqueles que negam a possibilidade de uma liberdade do tudo ser e do tudo poder fazer são apelidados de preconceituosos e ficam sujeitos a uma certa humilhação social que chega a ser repressiva. Estamos de facto novamente confrontados com a *ditadura do relativismo*. A verdade deve ser a fonte de garantia da liberdade de todos.¹⁵⁴

O então Cardeal Ratzinger viria a escrever em 1999 um artigo para a Revista *Humanitas*, da Pontificia Universidade de Santiago de Chile, que já tendo nós citado o mesmo no capítulo anterior, o relemos agora a partir do comentário de Carlos Ignacio Correas. As considerações que este autor faz do artigo *verdade y libertad* de Ratzinger são um útil instrumento não só para a apreensão das palavras do nosso autor em estudo como também para torná-las mais acessíveis à compreensão global dada a desconstrução do texto.

¹⁵² Cf. A. RODRÍGUEZ LUÑO, “Relativismo verdad y fe”, 150.

¹⁵³ D. TESSORE, *Bento XVI, Pensamento Ético, Político e Religioso*, 24.

¹⁵⁴ Cf. A. RODRÍGUEZ LUÑO, “Relativismo verdad y fe”, 150.

A segunda metade do século XX trouxe de alguma forma uma certa exaltação da ideia de liberdade que, não sendo totalmente convincente, se foi instalando no pensamento contemporâneo. Para Ratzinger, a ideologia marxista augurava poder sustentar cientificamente a liberdade moderna criando um mundo que de facto fosse livre de qualquer domínio. Aparentemente parecia estarmos diante de um sistema moralmente tentador, mas rapidamente ideologias como o comunismo mostrariam os seus pontos fracos, como a pobreza, a exclusão social ou a banalização do aborto. A isto, diz-nos Ignacio Correias, Ratzinger, baseado no filósofo polaco Andrej Szizypiorski, chamou de *o dilema da liberdade*.

Para compreender o enunciado dilema é necessário ter presente o percurso histórico, ainda que de forma sucinta, que se fez para chegar ao conceito de liberdade que predominou na segunda metade do século passado e está hodiernamente presente. Para o teólogo alemão fica claro que o pensamento iluminista traçou inequivocamente a ideia de liberdade moderna. Distinguindo ainda o conceito proveniente do pensamento anglo-saxónico e a ideia oriunda do iluminismo mais radical, Ratzinger concentra-se nesta última e toma os nomes Marx, Nietzsche e Sartre, como aqueles que de facto profetizaram o conceito mais radical de liberdade, criando a ruptura entre verdade e liberdade, originando assim a grande questão acerca da verdade sobre o homem. Aparentemente, a liberdade resumir-se-ia a um conjunto de direitos individuais exilados do *ser com* e do *ser para*.

Para Ratzinger fica claro que todo este movimento que levou à ruptura entre verdade e liberdade tem por detrás a tentação que o homem sempre teve ao longo da história de se querer assemelhar a Deus. Desta forma o homem não dependeria de nenhum factor externo e muito menos a sua vida estaria restringida por um outro ser assumidamente superior.

Contudo, para Ratzinger só é possível pensar a liberdade vinculada à responsabilidade, pois mais liberdade implica mais responsabilidade e consequentemente a aceitação das normas de convivência e vida em comum no seio da humanidade. Para o nosso teólogo há de facto uma verdade comum à humanidade, a qual a história se encarregou de apelidar de

natureza humana e da qual provém uma preocupação (responsabilidade), comum pelo futuro da mesma.

Ignacio Correias resume por fim aqueles que lhe parecem ser os três pontos fundamentais sobre a noção de liberdade apresentada por Ratzinger. Primeiramente, a liberdade não deve ser olhada como simples emancipação, devendo o homem ser cuidadosamente orientado a fim de se precaver o erro. Depois expõe-se a necessidade de nos libertarmos do mito da possibilidade de um mundo livre no futuro, onde tudo será bom. Aqui é de facto necessário promover a preservação das coisas boas do mundo, evitando o mal e a proliferação deste. Por fim, cimentar a ideia de que existe na realidade uma verdade acerca do homem e que é imprescindível não renunciar à ideia de Deus e à ideia de uma verdade de carácter ético. Desta forma rejeitar-se-ia também o proclamado totalitarismo auto-suficiente da razão.¹⁵⁵

“Não é necessário ter medo da verdade, porque esta é amiga do homem e de sua liberdade”¹⁵⁶

Na conhecida entrevista que deu origem ao livro *Lux Mundi*, Peter Seewald questiona o então Papa Bento XVI sobre o facto de o Mistério da Encarnação ultrapassar em muito a nossa capacidade de compreensão. Para o Papa, a interiorização de Jesus como verdadeiro Deus e verdadeiro homem é um espaço deixado “à liberdade da decisão humana e da aceitação.”¹⁵⁷ A grandeza da aceitação da Encarnação de Cristo deixa de facto “claro que a fé é um acontecimento em liberdade.”¹⁵⁸

¹⁵⁵ Cf. C. IGNACIO CORREAS, “Verdad, Libertad, y el Paradigma Ético Contemporáneo”, *Sapientia* 54/206 (1999) 427-435.

¹⁵⁶ BENTO XVI, *A coragem do bem para construir a Europa*. Viagem Apostólica à República Checa. Audiência Geral de 30 Setembro 2009. In L’OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XL, nº40 (2.076) 16. – 3 de Outubro de 2009.

¹⁵⁷ BENTO XVI, *Luz do Mundo, O Papa a Igreja e os sinais dos tempos. Uma conversa com Peter Seewald*, Cascais: Lucerna, 2010, 166.

¹⁵⁸ *Ibidem*, 167.

Ainda sobre a questão da relação da fé com a verdade parece-nos importante tomar algumas das considerações feitas na Encíclica *Lumen Fidei*¹⁵⁹, de Sua Santidade o Papa Francisco na senda do magistério do seu predecessor.

De facto, o conhecimento da verdade é central na busca da fé, como já tivemos oportunidade de ver. No capítulo segundo da Carta Encíclica, o Papa toma as palavras que o profeta Isaías dirigiu ao Rei Acáz, a que já tivemos oportunidade de aludir, quando este procurava apoio no grande Império da Assíria contra os seus inimigos. A tradução grega e a tradução hebraica das palavras do profeta têm de facto uma diferença tanto na tradução em si como na consequente interpretação. A nós interessa-nos olhar para a tradução dos Setenta onde se pode ler: “se não acreditardes, não compreendereis” (Isaías 7,9). Esta interpelação é um convite claro à confiança em Deus. Num Deus que é a verdadeira rocha que não vacila. O Deus de Israel é assim um Deus fiel, razoável.¹⁶⁰

Importa particularmente a intenção que está subentendida na interpelação de Isaías. “O profeta exorta a compreender os caminhos do Senhor, encontrando na fidelidade de Deus o plano de sabedoria que governa os séculos.”¹⁶¹

A mensagem deve então tornar-se o mais clara possível, o homem necessita de conhecer, necessita de verdade. Sem verdade a fé não salva, é na sua forte ligação à verdade que ela se torna doadora de uma nova luz superior aos cálculos humanos e assente numa confiança inabalável.¹⁶²

¹⁵⁹ Ainda que conscientes do precioso contributo de Bento XVI para este documento, não é de facto correcto associá-lo ao magistério da Papa alemão. Contudo, reconhecemos a presença do seu pensamento nomeadamente nas palavras do Papa Francisco quando diz: “Ele já tinha quase concluído um primeiro esboço desta carta sobre a fé. Estou-lhe profundamente agradecido e, na fraternidade de Cristo, assumo o seu precioso trabalho.” *In FRANCISCUS PP, Lumen fidei*, 7.

¹⁶⁰ Cf. *Ibidem*, 23.

¹⁶¹ *Ibidem*.

¹⁶² Cf. *Ibidem*, 24.

2. *De um cientificismo estéril a uma razoabilidade fecunda.*

“A religiosidade aparece então como a expressão mais elevada da pessoa humana, pois ela é o ápice da sua natureza racional.”¹⁶³

Tanto nos escritos enquanto teólogo como no magistério produzido depois enquanto Papa, verificamos que o tema da relação fé-razão está praticamente sempre presente. Naquilo que já pudemos reflectir anteriormente percebemos que esta relação é uma das grandes preocupações de Ratzinger. A sua contínua busca pela verdade não pode deixar nunca de passar também pela procura da razoabilidade da fé.

Acompanhando a reflexão de Javier Sánchez Cañizares sobre a complementaridade da fé e da razão à luz do pensamento de Ratzinger, compreendemos que, as constatações que o autor estudado faz são actuais e fundamentais para o pensar da contemporaneidade. Vejamos que existiu efectivamente uma pretensão de construir o pensar da humanidade a partir de uma perspectiva única a que se pode intitular de *sola ratio*. Caiu-se numa racionalidade pobre, distante das verdadeiras necessidades humanas e pensada unicamente como resposta às questões suscitadas pelas leis físicas. A dimensão contemplativa da ciência parece assim esvaziar-se num cientificismo estéril com o único objectivo de desenvolver a técnica, manipulando a natureza e até o próprio homem.

É interessante perceber que têm existido no último século, em paralelo com o tempo áureo da razão e da tecnologia, uma série de fenómenos sociopolíticos que facilmente caberiam no espectro da irracionalidade. Pensemos nas Guerras Mundiais, no Terrorismo ou nos atentados à vida humana nas suas mais variadas formas.

¹⁶³ JOÃO PAULO II, *A religiosidade aparece então como a expressão mais elevada da pessoa humana*. Audiência Geral de Quarta-feira 19 de Outubro de 1983. In L'OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XIV, nº43 (725), 12 – 23 de Outubro 1983. – Ainda que a expressão seja do Predecessor de Bento XVI, ela resume de facto aquilo que pretendemos enunciar nos parágrafos que se seguem.

Parece estar aqui um dos importantes pontos da nossa reflexão, o choque entre o campo moral, que é especificamente humano, a racionalidade e a tecnologia. A reflexão ratzingeriana evidencia deixar passar a preocupação pela existência de uma significativa discrepância entre o avanço tecnológico e o respectivo acompanhamento moral.¹⁶⁴

Ratzinger encontraria na expressão *ditadura do relativismo*¹⁶⁵ o mote para explicar a ligação do racionalismo com a moral. A razão parece sofrer uma espécie de hipertrofia e condicionar-se a si mesma ao optar por “limitar o seu campo de actuação”¹⁶⁶. O racionalismo é como que uma forma de enfermidade diante da própria razão. Pelo racionalismo a razão “perde a sua capacidade integradora e disfarça-se numa pluralidade de razões procedimentais. A sua manifestação cultural mais clara é o relativismo.”¹⁶⁷

O que parece estar em causa é a convivência da razão humana com uma realidade racional pela qual o Universo se encontra inteligentemente estruturado. A existência de uma “correspondência profunda entre a nossa razão subjectiva e a razão objectiva da natureza”¹⁶⁸ coloca-nos a eminente questão da existência de uma *inteligência originária*, da qual procedam ambas formas de razão. É a partir desta premissa que o *Logos* criador nos aparece como possibilidade. Contudo só o é na medida em que existe uma procura pelo conhecimento daquilo que é a verdade sobre o homem. O *Logos*, por nós entendido, é indissociável da verdade e portanto nunca poderia ser compreendido à luz do irracional.

A questão que sustenta toda esta proposta de entendimento, e que Bento XVI procura expressar em Regensburg, é precisamente a dúvida se o homem olha para a origem do mundo diante do binómio logos-razão ou pelo contrário prefere optar pela dinâmica evolutivo-irracional.

¹⁶⁴ Cf. J. SÁNCHEZ CAÑIZARES, “Razón y fe en la fundación del comprender. Reflexiones desde el Magisterio de Benedicto XVI”, *Scripta theologica* 40/3 (2008) 861- 864.

¹⁶⁵ Esta expressão ganhou maior relevo ao ser usada na Homilia do Cardeal Joseph Ratzinger, Decano do Colégio Cardinalício durante a Santa Missa *Pro Eligendo Romano Pontifice*. In L’OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XXXVI, nº17 (1.845) 2. – 23 De Abril de 2005.

¹⁶⁶ J. SÁNCHEZ CAÑIZARES, “Razón y fe en la fundación del comprender”, 862.

¹⁶⁷ *Ibidem*.

¹⁶⁸ *Ibidem*, 863.

Se considerarmos a opção pela primazia do irracional, e continuando a leitura de Javier Cañizares, percebemos que o irracional não é capaz de gerar aquilo a que o professor espanhol chama de *dinâmica integradora de níveis*. A nossa realidade tem níveis distintos entre si que se organizam de forma ampla e complexa. Há uma distinção do real não no plano tese-antítese mas sim numa dinâmica hierárquica, racional e lógica, ou seja, possuidora do *Logos*. O importante é compreender que há uma *lógica diferenciada*.

O que se quer com tudo isto afirmar é que o olhar a realidade tendo o irracional como fundamento pressupõe que a diferenciação da própria realidade é irracional, não existindo assim verdadeiras diferenças. Haveria uma unívoca irracionalidade dado a impossibilidade de estabelecermos alguma analogia de irracionalidades. Assim, ao admitir-se a distinção do real, admite-se de algum modo a racionalidade.

A distinção entre uma cosmovisão evolutiva-irracional, ateleológica, e uma visão criadora-evolutiva racional e finalista, à luz do conceito filosófico *condição necessária e causa*, pode ajudar-nos a chegar a algo mais concreto. Vejamos que, a razão vista sob o olhar do positivismo olha para o necessário como causa para o qual é necessário, contudo numa perspectiva racional e aberta, o necessário é parte de um projecto global e orgânico e causa fundante do todo. O foco da questão reside precisamente na interrogação sobre a acessibilidade do projecto à razão humana. Se a condição histórica actual reconhecesse a incapacidade da nossa racionalidade de abarcar toda a realidade, ou seja, todo o projecto global e orgânico, então, aí haveria espaço para o religioso, para a fé.¹⁶⁹

Pablo Sarto, no artigo que agora seguimos, *A razão no cristianismo, uma reivindicação de Joseph Ratzinger*, quer mostrar que esta preocupação e dedicação ao tema da relação Fé e Razão não é uma espécie de elitismo intelectual levado a cabo por Ratzinger ou até mesmo um acto de racionalismo propriamente dito. Procura por seu lado levar-nos a compreender que uma das coisas que Joseph Ratzinger quer deixar bem clara é que a razão

¹⁶⁹ Cf. J. SÁNCHEZ CAÑIZARES, “Razón y fe en la fundación del comprender”, 864-868.

está na origem do cristianismo. A par disto ela será uma espécie de defesa tanto da ética em si mesma como da religião cristã.

Vejamos que na fé do Povo de Israel, vista como aliança entre Deus e o mundo, razão e mistério, de facto não havia uma plena universalidade, ou seja, nem todos estavam incluídos, havia um certo sectarismo proveniente da vivência da fé enquanto Povo Eleito. Neste contexto, e particularmente para os primeiros cristãos, o cristianismo aparece como uma abertura e um derrube desta espécie de muro à universalidade. Com Cristo o homem passava a acreditar no Amor. O Amor passa a ser a forma pela qual a Razão do Universo se revela. De braços dados com a fé, o amor e a razão constituem as bases da religião cristã.

Por fim, a questão deve ainda ser olhada sobre a perspectiva evangélica segunda a qual a sabedoria de Deus se encontra no crucificado. A razão e a simplicidade evangélica espelhada na cruz devem coadunar-se, contudo podemos e devemos questionar-nos como é que nesta simplicidade proveniente do Evangelho, a razão e a fé se harmonizam de forma a chegar ao conhecimento da verdade.

Na sua obra *A teoria dos princípios teológicos*, a que Sarto alude no artigo que seguimos anteriormente, Ratzinger elabora três teses esclarecedoras da possível relação entre fé, razão e a simplicidade evangélica ¹⁷⁰

A primeira tese refere que a “fé cristã se mantém aberta à cultura e recorreu em parte do seu caminho à companhia do Iluminismo.”¹⁷¹ Sendo uma das principais tarefas da Igreja a condução do homem em direcção à verdade, o afastamento consciente daquilo que é razoável seria por si só contraditório com o fundamento da fé cristã. Esta, seria infiel a si mesma se voltasse a face à razão. A fé não pode significar ignorância, ela deve estar a par com a cultura e com a formação, aproximando o homem d’Aquele que o criou e que é *Logos* e Verdade.¹⁷² A segunda tese defende que “a fé cristã rejeita equiparar a formação com o iluminismo, e

¹⁷⁰ Cf. P. BLANCO SARTO, “La razón en el cristianismo, una reivindicación de Joseph Ratzinger”, *Scripta theologica* 37/2 (2005) 654-656.

¹⁷¹ J. RATZINGER, *Teoría de los principios teológicos*, 407.

¹⁷² Cf. *Ibidem*, 409.

conceber o iluminismo como único caminho de salvação.”¹⁷³ O iluminismo em sentido estrito pode ser entendido como uma espécie de razão sem tradição, cimentada no factível e bem afastada do conceito de formação e cultura cristã que engloba e se identifica com a sabedoria de carácter mais transversal, onde não somente o empírico conta. Por fim, a terceira tese alude ao facto da fé formar o homem. A fé “pede diversas classes de formação, segundo a situação e a profissão de cada pessoa e põe em toda a formação os pontos de referência que necessita para ser algo mais que simples conhecimento”¹⁷⁴ o núcleo da formação é a fé em si mesma, ela é *eruditio*, ou seja, uma forma de polir o homem formando-o para a abertura e para a profundidade.¹⁷⁵

3. *O Logos, Principio da Unidade.*

*“A partir do prólogo de São João está no centro da nossa fé cristã em Deus o conceito do logos, que significa razão, sentido, mas também palavra (...) O Deus que é logos garante-nos a racionalidade do mundo, a racionalidade do nosso ser, a adequação da razão a Deus e a adequação de Deus à razão, mesmo que a sua razão ultrapasse infinitamente a nossa e nos pareça tantas vezes como escuridão. O mundo vem da razão e essa razão é pessoa, é amor.”*¹⁷⁶

Ao chegar ao fim das nossas considerações sobre o tema tratado, parece-nos importante explicitar, ainda antes de uma conclusão propriamente dita, que o pensamento de Joseph Ratzinger está em si mesmo ligado por um conceito fundamental que não sendo somente estruturante é sobretudo fundante e originário.

¹⁷³ J. RATZINGER, *Teoría de los principios teológicos*, 407.

¹⁷⁴ *Ibidem*, 411.

¹⁷⁵ Cf. P. BLANCO SARTO, “La razón en el cristianismo, una reivindicación de Joseph Ratzinger”, 657.

¹⁷⁶ J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo, Prefácio à reedição de 2000*, 17.

Falamos do primado do *Logos*. A opção pelo primado do *Logos* tem como consequência um primado da inteligibilidade, do ser, enquanto sentir e pensar da própria existência humana, ou seja, implica um primado da razão. Na citação que fazemos acima, da *Introdução ao Cristianismo*, Ratzinger assume claramente que a partir de um Deus que é *Logos* a própria razão pode falar de Deus e deve falar de Deus. O *Logos* tem uma importância universal, seja na medida em que consegue uma razoabilidade geral, frutífera inclusivamente para o diálogo inter-religioso, seja no *Logos*, participante da história.

Aquilo que Ratzinger pede de facto é a abertura da razão à experiência religiosa, como tivemos a oportunidade de ver no capítulo II deste trabalho. Contudo, há por parte de autores como Blaise Pascal, Karl Barth ou Emil Brunner a preocupação de que a razão filosófica possa obscurecer a identidade originária da fé, que está cimentada na revelação divina e não na racionalidade humana. Sobre isto o nosso autor teve a oportunidade de reflectir na *Lectio inaugural* que fez na Faculdade de Teologia da Universidade de Bonn, a fim de aceder à cátedra de Teologia Fundamental. No texto intitulado *O Deus da fé e o Deus dos filósofos*, ainda que Ratzinger aluda à questão de Pascal¹⁷⁷ sobre a não identificação do Deus da fé com o Deus da filosofia racionalista, o então candidato à Cátedra de Teologia Fundamental não se contenta com uma ruptura declarada entre a fé e a razão.¹⁷⁸ Dado isto, e se de facto a mensagem cristã não está vinculada a um núcleo limitado de iniciados, mas é mensagem de Deus para todos, torna-se então essencial que também se faça interpretação a partir de fora, a partir da linguagem geral da razão humana.¹⁷⁹

¹⁷⁷ “O matemático e filósofo Pascal havia experimentado o Deus vivo, o Deus da fé, e nesse encontro vivo com o tu de Deus, compreendeu, com assombro manifestamente gozoso e sobressaltado, que é distinta a irrupção da realidade de Deus em comparação com o que a filosofia matemática de um Descartes, por exemplo, sabia dizer sobre Deus.” (J. RATZINGER, *El Dios de la fe y el Dios de los filósofos*, 8)

¹⁷⁸ Cf. M. SCHULZ, “El primado del logos y el concepto de razón en el pensamiento teológico de Benedicto XVI.” Faculdade de Teologia de São Damaso, Publicações online. In http://www.sandamaso.es/documentacion/schulz/El_primado_del_Logos.doc. 1-3. (19 Dezembro 2015, 16.20h)

¹⁷⁹ J. RATZINGER, *El Dios de la fe y el Dios de los filósofos*, 20.

Desta forma podemos ainda afirmar que a teologia de Ratzinger não se identifica com um pensamento despotista ou arbitrário mas sim com uma lógica assente na história da salvação em que o Deus que é *logos*, razão, é também suprema sabedoria.¹⁸⁰

No discurso que fez durante a visita à Universidade Católica do Sagrado Coração em Roma o Papa resumiu de forma extraordinária aquilo que procuramos aqui aludir. Para ele, o mais importante é a certeza de que é possível à luz da revelação de Cristo, sinal da unidade entre eternidade e tempo, espírito e matéria, afirmar esta conjugação da razão com a fé. “*No princípio havia o Verbo, o Logos, a razão criativa. E o Verbo fez-se homem*”¹⁸¹ (Para Bento XVI fica claro que o *Logos* divino, que é a razão eterna, está na origem do universo e na Pessoa de Cristo, Verbo Encarnado que se une de uma vez para sempre com humanidade, com mundo e com história.¹⁸²

Num mundo onde abundam as marcas do mal, o *Logos*, ao ser amor, distingue-se por ser também Bondade eterna. O Filho de Deus, Encarnado, o *Logos* encarnado, está coroado de espinhos e é precisamente no seu rosto sofredor e desfigurado que começamos a ver a bondade de Deus, Criador e Redentor. “No silêncio da *noite escura* podemos ouvir a Palavra. No meio da obscuridade do mundo, crer é tocar a mão de Deus e assim, no silêncio, ouvir a Palavra, ver o Amor.”¹⁸³

¹⁸⁰ Cf. M. SCHULZ, “*El primado del logos y el concepto de razón en el pensamiento teológico de Benedicto XVI*”, 17.

¹⁸¹ Cf. Jo 1, 1.14.

¹⁸² BENTO XVI, *Fazer ciência no horizonte de uma racionalidade aberta ao transcendente, a Deus*. Discurso na visita à sede romana da Universidade do Sagrado Coração por ocasião da inauguração do Ano Académico. In L’OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XXXVI, nº49 (1.876), 7,9 – 3 de Dezembro 2005.

¹⁸³ Cf. IDEM, *O Logos tem um coração*. Palavras do Papa Bento XVI na conclusão dos Exercícios Espirituais da Cúria Romana a 23 de Fevereiro de 2013. In L’OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XLIV, nº8 (2.252), 7 – 3 de Março 2013.

Conclusão

O percurso por nós traçado ao longo deste trabalho levou-nos ao encontro de alguns conceitos que consideramos fundamentais no pensamento de Ratzinger/Bento XVI, são eles a Verdade, a Razão, a Esperança e o Amor.

Tivemos em conta a nossa intenção inicial de procurar a linha onde ao longo das décadas de produção e pensar teológico se cruzam estes conceitos, procurando perceber se de facto fazem ou não parte de um pensamento contínuo, estruturado e orgânico, atendendo sempre à particularidade do autor estudado, nomeadamente do facto de para além de ser um teólogo de grande referência ter tido o papel de exercer o múnus de ensinar a Igreja Universal.

Percorremos as obras que se encontram citadas ao longo do corpo do texto após uma procura diversa e uma leitura profunda daqueles que nos pareceram os títulos proeminentes dos muitos escritos de Ratzinger. Algumas alocuções, entrevistas, compilações destas em obras únicas, as audiências gerais em Roma e parte do seu Magistério Papal, um caminho que vai largamente desde a década de sessenta até aos nossos dias. Como dissemos no início deste trabalho, temos consciência que o perigo de uma sistematização do pensamento de um autor tão abrangente como é o de Ratzinger/Bento XVI, poderia levar-nos a deixar para trás dados preciosos e/ou fundamentais para o trabalho que nos propusemos a fazer. Contudo, e tendo em conta que a nossa intenção se pautou pela aproximação ao pensamento do autor estudado sobre esta questão, parece-nos que conseguimos encontrar, dentro das referidas leituras e citações, as bases mestras que procurávamos para fundamentar o objecto em estudo: a Verdade como demanda da Razão e horizonte da Fé.

A recente celebração do Ano da Fé permitiu-nos ir ao encontro de algumas das intervenções feitas a esse respeito, concentrando nelas muito daquilo que é o cerne da matéria debatida e estudada. São diversas e numerosas as intervenções de Bento XVI a respeito da razoabilidade da fé, não só no Ano em que a celebrámos de forma particular, mas também, por exemplo, em algumas Viagens Apostólicas e/ou visitas e encontros com o mundo

académico. Destacamos ainda a importância do discurso na Universidade de Regensburg, que aborda a questão da razoabilidade da fé de forma bastante clara, sendo um dos mais famosos e talvez mais lidos discursos do Pontífice ao longo dos 8 anos de Ministério, e que no nosso trabalho aparece como tronco fundamental na questão da interrogação sobre Deus por meio da Razão. É oportuno recordar ainda que ao longo de todo o escrito, a *Introdução ao Cristianismo* aparece como linha orientadora e pilar da reflexão que fazemos. É de facto uma obra memorável e imprescindível para o compreender da história da teologia do século XX e, claro, o pensamento de Ratzinger.

Apraz-nos então, ao fim destas páginas, retirar algumas ideias que podem resumir de forma conclusiva aquilo que fomos procurado desenvolver. O Homem contemporâneo continua a ter diante de si uma série de questões, conhecidas como existenciais, que nos obrigam a dar resposta às ânsias da procura da verdade sobre ele mesmo, a sua vida e o seu futuro. Neste processo, a fé aparece como um espaço que, não sendo aparentemente seguro, consegue superar aquilo que as ciências naturais e o mundo hodierno, aparentemente completo, pelas suas limitações e finitudes não conseguem oferecer ao Homem. A aparente, precipitada e incorrecta visão da fé como um conjunto de irracionalidades continua a não deixar o Homem perceber que ela pode de facto ser uma atitude digna de um homem moderno e adulto. Nesta questão concreta seria certamente frutífero plantar na nossa sociedade a ideia de que a fé cristã não se preocupa exclusivamente com aquilo que é eterno, mas que Deus se fez Homem, se Revelou e nos mostrou a grandiosidade da nossa natureza, a nossa capacidade de amar e de nos doarmos.

Para Ratzinger há uma coisa que é clara. O homem foi chamado para conhecer a Verdade e é na Verdade que se encontra a sua liberdade e o cumprimento das suas aspirações mais profundas. Contudo, para entender isto, o Homem tem de se libertar daquele antropocentrismo radical que reduz a verdade àquilo que ele próprio faz, do qual conhece a causa e no qual está aparentemente seguro.

Mas a interrogação sobre o que é a Verdade, ou se quisermos, a interrogação sobre o Ser de Deus, é para para Ratzinger/Bento XVI um caminho que tem de ser percorrido a par com a Razão, recordando sempre a primazia que a Tradição cristã deu ao estudo, ao conhecimento e ao aprofundar daquilo em que acreditamos. Neste sentido, e recordando o discurso de Regensburg, temos de ser peremptórios, tal como Bento XVI, em afirmar que não agir segundo a razão é contrário à natureza de Deus, ou ainda, não colocar a questão de Deus de forma razoável é contrário à Sua natureza e à natureza humana, que tem em si a capacidade de pensar e agir de forma inteligente, ou seja, racional.

Devemos ainda registar a ideia de que para Ratzinger/Bento XVI a fé é de facto um acto de confiança. Confiança por parte daquele para quem o invisível é mais real do que o visível, para quem acreditar significa romper com o calculável, aceitando que há em nós uma dimensão que não pode ser alimentada pelo visível e palpável. A fé é um salto, um salto de inteligência, de confiança, de conversão.

A fé é também o espaço onde melhor se entende a esperança, e onde aquilo que, no presente não existe, pela fé se espera, aguardado numa confiança absoluta.

Na fé cristã tudo isto se resume num único princípio, o do *Logos*, princípio de Unidade, que Ratzinger tem bem presente e nos recorda, pois o *Logos*, Ele sim, é a Razão eterna, clara, que está no princípio de tudo, e que na Pessoa de Jesus se cruza de forma radical com a humanidade revelando-nos aquilo que de facto somos. A fé no *Logos* é uma fé credível, racional e acessível às nossas capacidades.

Ao terminarmos a nossa dissertação estamos certos da pertinência de tratar este tema, e questionámo-nos inclusive se de facto não seria útil procurar fazer uma desconstrução da linguagem sobre estas matérias, tornando-as acessíveis a um alargado conjunto de leitores – referimo-nos à grande maioria dos leigos para quem nem sempre é possível ir ao encontro destas temáticas a partir de uma linguagem acessível. Certamente, a melhor forma que os crentes teriam de fazer face à *ditadura do relativismo* a que Ratzinger se refere seria mesmo um

caminho onde o esclarecimento, a formação e a capacitação dos agentes pastorais fosse tida e vista como prioritária.

Estamos certos que a história da teologia se encarregará de continuar a reconhecer o extraordinário contributo de Ratzinger/Bento XVI para o pensamento teológico contemporâneo e que os seus muitos títulos, preocupações e ensinamentos serão ímpares na compreensão do que é o homem moderno e de qual o caminho que este pode percorrer para encontrar as respostas a muitas das suas dúvidas.

A nós resta-nos ficar gratos a Joseph Ratzinger pelo seu percurso e contributo à teologia, pela sua vida dedicada à Igreja e ao mundo, esperando que o nosso trabalho possa também servir para o recordar, honrando o seu nome e o seu pensamento.

Bibliografia

Escritos Pontifícios de Bento XVI

Da Acta Apostolicae Sedis

BENEDICTUS PP. XVI, *Litterae Encyclicae Deus Caritas est*, in AAS. 98 (2006) 217-252.

_____, *Litterae Encyclicae Spe Salvi*, in AAS. 99 (2007) 985-1027.

_____, *Litterae Encyclicae Caritas in veritate*, in AAS. 101 (2009) 641-709.

_____, *Ad Romanam Curiam ob omina natalicia*, in AAS. 98 (2006), 40-53.

Do Boletim oficial da Santa Sé

BENTO XVI, *Fazer ciência no horizonte de uma racionalidade aberta ao transcendente, a Deus*. Discurso na visita à sede romana da Universidade do Sagrado Coração por ocasião da inauguração do Ano Académico. In L'OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XXXVI, nº49 (1.876) – 3 de Dezembro 2005, 7-9.

_____, *Fé, Razão e Universidade*. Discurso de Bento XVI na presença de representantes do mundo científico. Universidade de Regensburg. In L'OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XXXVII, nº38 (1.918) – 23 de Setembro 2006, 8-9.

_____, *A coragem do bem para construir a Europa*. Viagem Apostólica à República Checa. Audiência Geral de 30 Setembro 2009. In L'OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XLI, nº40 (2.076) – 3 de Outubro de 2009, 16.

_____, *Um mestre do conhecimento de Cristo*. Audiência Geral de 4 Março de 2010 dedicada a São Boaventura de Bagnoregio. In L'OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XLI, nº10 (2.098) – 6 de Março de 2010, 12.

_____, *Os santos como Agostinho, companheiros de viagem no cristianismo*. Audiência Geral em Castel Gandolfo de 26 de Agosto 2010. In L'OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XLI, nº35 (2.123) – 28 de Agosto de 2010, 12.

_____, *A verdade que liberta exige testemunho*. Discurso de Bento XVI na Vigília de oração para a Beatificação do Cardeal John Henry Newman em Hyde Park, Londres de 18 de Setembro de 2010. In L'OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XLI, nº39 (2.127) – 25 de Setembro 2010, 9 e 13.

_____, *Voltar para Deus*. Audiência Geral de 17 de Outubro 2012. In L'OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XLIII, nº42 (2.234) – 20 de Outubro 2012, 3.

_____, *O Mundo, o homem e a fé. Como responder com doçura ao ateísmo prático que ofusca o horizonte ético*. Audiência Geral de 14 de Novembro 2012. In L'OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XLIII, nº46 (2.238) – 17 Novembro de 2012, 3 e 6.

_____, *Cristãos contra a corrente*. Audiência Geral de 23 de Janeiro 2013. In L'OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XLIV, nº4 (2.248) – 26 de Janeiro 2013, 3 e 13.

_____, *Palavras de Bento XVI no Consistório Ordinário Público* de 11 de Fevereiro de 2013 em que Renunciou ao Pontificado. In L'OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XLIV, nº7 (2.251) – 17 de Fevereiro 2013, 1.

_____, *O Logos tem um coração*. Palavras do Papa Bento XVI na conclusão dos Exercícios Espirituais da Cúria Romana a 23 de Fevereiro de 2013. In L'OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XLIV, nº8 (2.252) – 3 de Março 2013, 7.

_____, *O bom senso da fé em Deus*. Audiência Geral de 21 de Novembro 2012. In L'OSSERVATORE ROMANO, Edição Semanal em Português, Ano XLIII, nº47 (2.239) – 23 De Novembro 2012, 3 e 5.

Outras obras durante o Pontificado.

_____, *Luz do Mundo, O Papa a Igreja e os sinais dos tempos, Uma conversa com Peter Seewald*. Cascais: Lucerna, 2010.

_____, *Jesus de Nazaré, da entrada em Jerusalém até à ressurreição*, Cascais: Principia, 2011.

Obras e escritos de Ratzinger

Monografias e/ou compilações de textos

RATZINGER, J – *Introdução ao Cristianismo, prelecções sobre o Símbolo Apostólico*, Cascais: Principia, 2005. (original de 1965)

_____, *Teoría de los principios teológicos, materiales para una teología fundamental*, Barcelona: Herder, 2005. (original de 1985)

_____, *El Dios de la fe y el Dios de los filósofos*, Opuscula philosophica, 27 Madrid: Encuentro, 2006. (obra original de 1960).

_____, *A minha vida, Joseph Ratzinger, autobiografia do Papa Bento XVI*, Lisboa: Livros do Brasil, 2005.

_____, *No Princípio Deus Criou o Céu e a Terra*, Cascais: Principia, 2009.

_____, *Fé e Futuro*, Estoril: Principia, 2008. (obra original de 1970).

_____, *A Europa de Bento, na crise das Culturas*, Braga: Ed. Aletheia, 2005.

_____, *Do sentido de ser cristão*, Cascais: Principia, 2009.

_____, *Fé, Verdade, Tolerância, o cristianismo e as grandes religiões*, Lisboa: Edições UCP, 2007.

_____, *O Sal da Terra. O Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milénio. Uma entrevista com Peter Seewald*, Lisboa: Multinova, 1997. (obra original 1996)

Publicações em Revista

_____, “Omelia in occasione della festa di Sant Tommaso d’Aquino”, *Angelicum* 64 (1987) 189-192.

_____, “Verdad y libertad”, *Humanitas* 14 (1999) 199-222. Publicações online. In http://www.humanitas.cl/html/revista/hum14_1999.html.

_____, “¿Qué Cree la Iglesia?”, *Communio* (Edição Espanhola) 15/2 (1993) 93-98.

_____, “A Esperança”, *Communio* (Edição Portuguesa) 5/2 (1985) 451-464.

Do boletim oficial da Santa Sé

_____, Homilia do Cardeal Joseph Ratzinger, Decano do Colégio Cardinalício na Santa Missa *Pro Eligendo Romano Pontifice*. In *L’OSSERVATORE ROMANO*, Edição Semanal em Português, Ano XXXVI, nº17 (1.845) – 23 De Abril de 2005, 2.

Biografía auxiliar

BLANCO SARTO, P., *La Teología de Joseph Ratzinger: una introducción*, Madrid: Ediciones Palavra, 2011.

_____, *Joseph Ratzinger, Benedicto XVI. Un mapa de sus ideas*, Madrid: BAC, 2012.

_____, “La teología de Joseph Ratzinger, Temas centrales”, *Revista catalana de Teologia* 36/1 (2011) 257-281.

_____, “La razón en el cristianismo, una reivindicación de Joseph Ratzinger”, *Scripta theologica* 37 (2005) 643-659.

_____, *Benedicto XVI, el Papa alemán*, Barcelona: Planeta, 2010.

DUQUE, J., *Tópicos de um percurso teológico. In Agencia Ecclesia*.
www.agencia.ecclesia.pt/noticias/dossier/topicos-de-um-percurso-teologico.

GALLAGHER, M., *Mapas de la fe, Diez grandes creyentes desde Newman hasta Ratzinger*, Santander: Sal Terrae, 2012.

IGNACIO CORREAS, C., “Verdad, Libertad, y el Paradigma Ético Contemporáneo”, *Sapientia* 54/206 (1999) 427-435.

MANSFIELD, S., *Pope Benedict XVI: His life and Mission*, New York: Penguin Group, 2013.

MÜLLER, G., *Ampliare l'orizzonte della ragione, Per una lettura di Joseph Ratzinger-Benedetto XVI*, Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2012.

_____, *Reflexões sobre os escritos conciliares de Joseph Ratzinger*. In http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/muller/rc_con_cfaith_doc_20121128_riflessioni-muller_po.html.

RODRÍGUEZ LUÑO, A., “Relativismo verdad y fe”, *Boletín de la Prelatura de la Santa Cruz y Opus Dei* 42 (2006) 150.

SÁNCHEZ CAÑIZARES, J., “Razón y fe el la fundación del comprender. Reflexiones desde el Magisterio de Benedicto XVI”, *Scripta theologica* 40/3 (2008) 859 – 876.

SCHULZ, M., “El primado del logos y el concepto de razón en el pensamiento teológico de Benedicto XVI.” *Faculdade de Teologia de São Damaso, Publicações online*. In http://www.sandamaso.es/documentacion/schulz/El_primado_del_Logos.doc.

TESSORE, D., *Bento XVI, Pensamento Ético, Politico e Religioso*, Lisboa: Temas e Debates, 2007.

VIGINI, G., *Guia para a leitura da obra de Joseph Ratzinger, Bento XVI*, Lucerna: Cascais, 2012.

Biografia de Sua Santidade Bento XVI. In https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/biography/documents/hf_ben-xvi_bio_20050419_short-biography.html.

Outros Documentos do Magistério.

FRANCISCUS PP, *Litterae Encyclicae Lumen fidei*, in AAS. 105 (2013) 555-596.

JOÃO PAULO II, *A religiosidade aparece então como a expressão mais elevada da pessoa humana.*

Audiência Geral de Quarta-feira 19 de Outubro de 1983. In L'OSSERVATORE ROMANO, Edição

Semanal em Português, Ano XIV, nº43 (725), – 23 de Outubro 1983, 12.

Sagrada Escritura

BÍBLIA SAGRADA, 4ª ed., Fátima – Lisboa, Difusora Bíblica, 2005.

Índice

Introdução	3
<u>Capítulo I</u>	
Ratzinger\Bento XVI: o homem, o teólogo e o pastor.....	6
1. Vida.....	7
2. Um Teólogo entre teólogos.....	11
3. Mestres.....	15
4. Princípios, método e Fundamentos Teológicos.....	20
5. II Concílio do Vaticano.....	22
<u>Capítulo II</u>	
Fé, Amor e Esperança: Referência teológica da Verdade.....	26
1.O problema da verdade – da sua concepção à centralidade na busca da fé.....	28
1.1 O conhecimento da Verdade.....	28
1.2 Chamados à Verdade que liberta.....	32
2. A razoabilidade da Fé.....	38
2.1 Regensburg: Interrogar-se sobre Deus por meio da Razão.....	38
2.2 A fé não vive do pão da factibilidade.....	42
3. Fé: A realização processual do Amor.....	47
3.1 Fé, Substrato da esperança.....	47
3.2 Fé, Mistério de Amor.....	51
<u>Capítulo III</u>	
Verdade e Liberdade: breve síntese da recepção do pensamento de Joseph Ratzinger\Bento XVI.....	54
1. Verdade: Condição necessária para um mundo livre.....	55
2. De um cientificismo estéril a uma razoabilidade fecunda.....	62
3. O Logos, Princípio da Unidade.....	66
Conclusão.....	69
Bibliografia	73